

SUMÁRIO

1.1.	A visão dos apóstolos do discipulado.....	1
1.1.1.	Expressões e declarações Paulinas	2
1.1.2.	Expressões e declarações do Autor de Hebreus	9
1.1.3.	Expressões e declarações de Tiago	17
1.1.4.	Expressões e declarações de Pedro	23
1.1.5.	Expressões e declarações de Judas	32
1.1.6.	Expressões e declarações de João	32
1.2.	Os discípulos dos apóstolos.....	48
1.2.1.	Os discípulos de João Batista se tornam discípulos de Cristo	49
1.2.2.	Barnabé e João Marcos - alguém precisa apoiar.....	50
1.2.3.	Uma discípula chamada Dorcas	52
1.2.4.	Paulo e Silas – os discípulos são companheiros uns dos outros	54
1.2.5.	Paulo, Áquila e Priscila – mais companheirismo, agora com um casal .	56
1.2.6.	Paulo e Timóteo – de discípulo a discipulador	61
1.2.7.	Paulo e Tito	62

1.1. A visão dos apóstolos do discipulado

Aqui procuramos destacar expressões, testemunhos e passagens onde encontraremos afirmações dos apóstolos em relação ao discipulado de Cristo e ao radical compromisso que tinham com Jesus procurando pontos diferentes e as maiores ênfases nas cartas apostólicas. Posteriormente destacaremos o relacionamento dos apóstolos com seus próprios.

Seguiremos uma divisão pelos apóstolos escritores na ordem do Cânon: Paulo, o autor de Hebreus, Tiago, Pedro, Judas e João. Já fizemos muito destaques dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Mesmo considerando o João das

três cartas e do Apocalipse o mesmo autor, faremos destaques especiais dentro do contexto da igreja e dos irmãos que pastoreou.

1.1.1. Expressões e declarações Paulinas

Boa parte do NT foi escrita pelo apóstolo Paulo. Alguns comentaristas costumam afirmar que só podemos ter certeza de sete das treze cartas atribuídas a Paulo são realmente dele. Além de suas cartas, temos um testemunho intenso de sua vida e de suas três viagens missionárias no livro de Atos. Aqui não ocuparemos das descrições que ele faz de sua vida e que também aplica à vida dos demais crentes a quem escrevia enfatizando características e a profundidade do discipulado cristão. Não faremos um estudo etimológico profundo das expressões, mas procuraremos compreender cada uma dentro de seu contexto.

1.1.1.1. A mortificação da carne

Romanos 8.13,14: Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

2 Coríntios 4.10: Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos.

Sabemos que algumas expressões de Jesus eram fortes com o propósito de causar impacto, mas que não deveriam necessariamente ser levadas à prática como, por exemplo, arrancar as mãos, os pés e o olhos (Mt 18.7-9). Em alguns momentos da história a severidade com o próprio corpo como sujeitá-lo a longos períodos de jejum, prática sacrificial de longos períodos de oração e vida exageradamente frugal foram praticadas por muitos cristãos. Estas práticas ainda podiam incluir votos de pobreza, silêncio e de celibato. Coisas impensáveis para os padrões de hoje.

A má compreensão das Escrituras pode levar aos dois extremos, ou seja, o exagero nas restrições pessoais e no exacerbado hedonismo e consumismo dos cristãos de hoje. O prazer e o bem-estar são os novos ditames sociais.

Paulo é quem alerta para as obras da carne como um impeditivo para agradar a Deus e ter êxito na obra de conduzir a igreja à Glória de Deus e de pregar aos

perdidos. Isto deve nos levar a dura e diária tarefa de mortificar as obras da carne com seus impulsos. A palavra carne na Bíblia (sarx, transliterando do grego) pode significar a porção material do ser humano, mas também representar sua condição pecadora.

O discípulo, segundo Paulo, é aquele que aprende a dominar os seus impulsos carnis para agradar seu Senhor e testemunhar com eficácia o Evangelho. A mortificação da carne também implica em que o ego¹ é diminuído para que na vida do discípulo o próprio Cristo possa crescer cada vez mais gerando vida que se assemelha cada vez mais a ele, não só pela imitação, mas também pela transformação da essência. É por meio da mortificação da carne que o discípulo se torna maduro alcançando o que Paulo chama de perfeita varonilidade pelo exemplo e padrão que é Cristo (Ef 4.13-14).

1.1.1.2. A vida na carne é a vida de Cristo

João 6.57: Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa.

João 8.34: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado.

João 14.23: Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele.

Gálatas 2.20: Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

Vamos recorrer à preciosa ajuda do Pr Israel Belo de Azevedo da Igreja Batista de Itacuruçá, no Rio de Janeiro. Em sua reflexão sobre o texto de Gálatas 2.20, ele faz

¹ Sempre que uso a expressão "ego" me vejo obrigado a fazer algumas considerações. Em nossa cultura a expressão significa o comportamento egoísta de alguém, ou seja, aquele que não leva conta o que outros são, o que pensam e o que querem. É usada, também, para designar a parte imaterial (interna) que leva alguém a considerar apenas si mesma. No entanto, a palavra tem origem na teoria psicanalítica de Freud para designar um das três instancias psíquicas ao lado do Id e do Superego. Psicanaliticamente corresponde a instancia que procura estabelecer o equilíbrio entre a instância regida pelo prazer (Id) e a instância regida pelo dever (superego). Assim, o tamanho do Ego, para a Psicanálise, é diretamente proporcional ao equilíbrio e bem-estar, ou seja, quanto maior o Ego mais saudável alguém é.

uma série de observações importantes em que mostra a profundidade da vida de alguém que quer viver para Cristo. Os desdobramentos e comentários são nossos².

1. É crucificado com Cristo aquele que morreu para si mesmo, para que Cristo viva – morrer para si mesmo é negar os desejos que se oponham a vontade de Deus, é lutar contra o pecado e procurar uma vida em que o servir, o pensar, o fazer e o falar refletem a imagem do próprio Cristo. Ao contrário do que possa soar, não é uma vida de passividade e de resignação, mas de muita atividade e iniciativa em direção a conformação da imagem de Cristo em si.
2. É crucificado com Cristo aquele que sabe que é amado por Jesus e recebe este amor, sabendo que vive por causa deste amor – é pelo amor de Deus que somos salvos e, também por seu amor, que somos sustentados. O discípulo é aquele que não teme por si mesmo e jamais sente estar só ou abandonado.
3. É crucificado com Cristo aquele que deixou na cruz o seu eu, feito de desejos e vontades – assim como Jesus sacrificou seu corpo derramando seu sangue inocente para cumprir as exigências de Deus, o discípulo é também aquele que faz da vontade do seu Senhor a sua própria.
4. É crucificado com Cristo aquele que deixou sua vida na cruz, para viver a vida de Jesus, possível por causa da habitação do Espírito Santo – geralmente se ignora a importância do Espírito Santo na totalidade da vida cristã. Ele participa ativamente da nossa conversão e nos ajuda diariamente nas tarefas que desempenhamos, mas tem papel essencial na transformação do nosso interior. Andamos e vivemos no Espírito.
5. É crucificado com Cristo aquele que recusa o domínio do pecado sobre a sua vida – que serve ao pecado é escravo do pecado. Ou se está em Cristo ou se está em pecado. As duas coisas jamais podem estar presentes simultaneamente na vida de quem quer que seja.

² Para o texto integral acessar <http://prazerdapalavra.com.br/mensagens/por-livros-da-biblia/novo-testamento/347-galatas/galatas-2/2487-galatas-220-quem-vive-em-mim>

6. É crucificado com Cristo aquele que tem alegria em ser habitado pelo Espírito Santo – uma das promessas de Jesus, e que foi cumprida, diz respeito ao envio do outro Consolador, o Espírito Santo (Jo 14.16). O Espírito Santo intercede por nós, nos convence do pecado, da justiça e do juízo e nos concede dons espirituais. Infelizmente, apesar de sua importância essencial e fundamental para tudo na vida cristã e na igreja, é negligenciado em muitas de nossas considerações. A alegria de um discípulo em ser habitado pelo Espírito Santo advém da certeza de sua salvação, de sua proteção, da garantia da presença e uso de seus dons e da segurança, também, de ser guiado e orientado devidamente.
7. É crucificado com Cristo aquele que, sabendo que no seu coração se trava uma batalha espiritual, entre o Espírito Santo e o pecado, escolheu o lado do Espírito Santo – a luta contra o pecado é incessante, mesmo que a Palavra de Deus afirme que o discípulo é aquele que não vive pecado, ou na prática do pecado (1Jo 3.6) por estar em Cristo. Não há qualquer lugar na Escritura que garanta que o discípulo, sem esforço e sem a prática das disciplinas espirituais, será capaz de vencer o pecado. Esta é uma batalha espiritual que, ao lado da batalha contra Satanás e suas forças do mal, ocupa a preocupação de um discípulo verdadeiro.
8. É crucificado com Cristo aquele que fica constrangido quando peca – a compreensão espiritual e bíblica do que significa o pecado é a base sólida para tal constrangimento. Espiritualmente o pecado nos afasta de Deus e tem como salário a morte (Rm 3.23, 6.23). Biblicamente, somos exortados a fugir do pecado e temos diversos exemplos de suas consequências desastrosas e destruidoras (Adão e Eva, Caim e Abel, os contemporâneos de Noé, os idealizadores e contemporâneos da Arca de Noé, Faraó no Egito nos tempos de Moisés, diversas vezes o povo quando peregrinava rumo à terra prometida, etc. – inumeráveis situações em que o pecado trouxe consequências sobre pessoas, famílias e nações). Um discípulo hoje não se deixa levar pela narrativa que desconstrói a definição de pecado e a bane do vocabulário e da pregação do Evangelho. O discípulo não se vende a falsa

ideia de que o pecado não existe ou que é apenas uma construção religiosa para criar controle e gerar culpa.

9. É crucificado com Cristo aquele que tem prazer em dar prazer ao Espírito Santo – o discípulo compreende pelas Escrituras o caráter pessoal do Espírito Santo, ou seja, que ele é Deus que age e tem vontade. Mesmo que tenhamos dificuldades em aceitar a ideia de que Deus possua sentimentos, vontade e reage às nossas ações, não podemos negar que se Ele brusca produzir algum fruto em nós ele também, de alguma forma, se alegra com os resultados. O discípulo não apenas divide com o Espírito suas conquistas, mas as atribui, corretamente, a Ele e com isto se alegra.
10. É crucificado com Cristo aquele que não olha para os pecados dos outros, mas para os seus próprios – isto não implica que não reconheçamos os erros alheios, pelo contrário, a correta leitura de Mateus 7.1-4 mostra que devemos nos corrigir primeiro para depois ajudar os outros com seus erros e dificuldades. A má compreensão deste texto gera distorções nas quais a impunidade pode imperar. Disto isto, o discípulo é aquele que, antes de tudo, aprende a se corrigir antes de olhar os defeitos dos outros. O autoexame, ensinado por Paulo em 1Coríntios 11 para a celebração da Ceia do Senhor, é uma demonstração desta necessidade constante. O discípulo é, também aquele que aprende a dura disciplina do autoexame e a dura tarefa da auto avaliação constante. O discípulo aprenderá a fazer um registro crítico constante de si mesmo. Ser julgado por si mesmo para não ser condenado com o mundo (1Co 11.31-32).
11. É crucificado com Cristo aquele que se deixa conduzir pelas mãos de Jesus para a vitória da santidade – com muita facilidade tomamos decisões sobre o certo e o errado por nossa própria conta. Até mesmo o padrão de santidade pode ser determinado por nossas próprias vontades e inclinações. Para alguns a santidade implicará na prática de atividades espirituais com rigidez e sacrifício, para outros no crescimento intelectual, outros ainda procurarão fugir e negar tudo que considerarem mundano, etc. Em certos aspectos todas as afirmações anteriores são verdade, ou seja, santidade implica em disciplina, estudo e negação do mundo. No entanto, há um aspecto negligenciado

nestas afirmações, mas igualmente importante. Como vasos nas mãos de um oleiro, somos moldados para uma finalidade. Este uso exclusivo também implica em santidade. Alguém que, por exemplo, consagre sua vida ao evangelismo e ao discipulado, estará santificando sua vida se porventura se dedicar a isto. A santidade também implica que fomos separados por Deus com uma finalidade e que esta finalidade está se desenvolvendo em nós.

12. É crucificado com Cristo aquele em quem Cristo vive – ao contrário do que nos ensina a nova espiritualidade pós-moderna, que afirma que todo o potencial que o homem precisa já está nele e ele precisa aprender a despertar e desenvolver este potencial, afirmamos que nada podemos ser ou fazer sem Cristo (Jo 15.5). Além disto, é também necessário nascer de novo e ser uma nova criatura (Jo 3.7; 2Co 5.17). João Batista, chamado por Jesus de o maior homem nascido de mulher (Mt 11.11, Lc 7.28) foi quem também declarou, ao lado do apóstolo, a necessidade de que Cristo crescesse cada vez mais (Jo 3.30).

1.1.1.3. Soldados, atletas e lavradores de Cristo

2 Timóteo 2:3-7: Suporte comigo os sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou. Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como vencedor, se não competir de acordo com as regras. O lavrador que trabalha arduamente deve ser o primeiro a participar dos frutos da colheita. Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor Ihe dará entendimento em tudo.

Três palavras usadas em nosso cotidiano ou que não nos são em nada estranhas: soldados, atletas e lavradores. O apóstolo Paulo aponta como deve ser exclusivo e radical o envolvimento do discípulo de Cristo.

Soldados geralmente servem integralmente o seu país. Em situações de guerra se deslocam para longe de suas casas e tem implícita a tarefa e morrer em batalha se for o caso. Soldados no exercício pleno de suas funções não tem tempo para fazer nada próprio da vida de um cidadão comum: determinar sua rotina, ir ao banco, passear com a família, tirar um dia de folga e passear, etc.

O atleta além das longas horas de treinamento, cuidado com alimentação, visitas periódicas a médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, deve também conhecer as regras do seu esporte e vencer dentro das regras. Por isto os jogos contam com a presença e supervisão de juízes, mas nem mesmo isto é garantidor da ausência de erros e trapaças, mas no caso de um cristão, ou de um discípulo, vencer e "jogar" pelas regras é vital.

O lavrador é o que trabalha arduamente, mas também se alimenta daquilo que planta. Só é recompensado com bom alimento quem trabalha arduamente.

Segundo Paulo, quando fala com Timóteo, os valores do discipulado incluem: exclusividade no serviço, viver conforme a vontade de Deus e não a própria e, trabalhar arduamente para colher com alegria aquilo que fez honestamente e com sacrifício.

1.1.1.4. Embaixadores de Cristo e agentes da reconciliação

2Coríntios 5.20: Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus.

Paulo ainda nos adverte quanto à específica tarefa de todos os discípulos como agentes da reconciliação. O próprio texto nos ajuda a elucidar o significado de embaixador no sentido paulino quando afirma "*como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio*".

O homem sem Cristo está inapelavelmente condenado. Independentemente da postura que se adote em relação a como Deus elege e salva seus eleitos, todos devemos concordar com a tarefa de pregar o Evangelho e rogar aos homens que se reconciliem com Deus. O discípulo, neste caso, é um instrumento nas mãos do Senhor para fazer a sua vontade. O discípulo se torna a boca do Senhor em sua geração.

A vontade do Senhor é clara e objetiva: que seus discípulos supliquem e implorem aos homens perdidos que se reconciliem com Deus. A imagem daquele que apela ao seu interlocutor soa estranha para o homem contemporâneo já que tal

humilhação, não é nem de perto, uma atitude minimamente aceitável para os padrões dos nossos dias, mas algumas coisas devem ser levadas em consideração e que devem estar na mente e coração dos discípulos.

O discípulo, como alguém reconciliado com Deus, sabe da situação desesperadora que aguarda aqueles que não se arrependeram de seus pecados se reconciliando com Deus. Os discípulos sabem que não somente o alívio da liberdade da condenação, mas a possibilidade de andar em novidade de vida, é o que aguarda a vida daqueles que se reconciliaram. Os discípulos sabem, também, que o amor de Deus é demonstrado aos homens por meio da morte de Cristo (Jo 3.16, Rm 5.8) e que qualquer esforço humano, ainda que implique em humilhação, ainda é pouco diante do que foi feito pelos discípulos na cruz.

Esta linguagem apaixonada e cheia de detalhes é comum nos escritos do apóstolo Paulo. Ele sempre se dirige aos crentes e aos homens perdidos com palavras enfáticas e penetrantes: entranháveis afetos e compaixões (Fl 1.2), rogos (Rm 12.1), etc. Por meio destas palavras, um embaixador de Cristo no mundo, ou seja, um discípulo de Cristo é alguém que se entrega apaixonadamente a missão de pregar o Evangelho e rogar aos homens que se reconciliem com Deus para que não sejam réus de condenação.

1.1.2. Expressões e declarações do Autor de Hebreus

Hoje há muita discussão e até certo consenso sobre a autoria não paulina da carta aos Hebreus. Alguns estudiosos, como Shedd, afirmam que há maior possibilidade de que tenha sido Apolo. Companheiro do apóstolo Paulo, versado no judaísmo, capaz intelectualmente e homem (Shedd afirma que a linguagem exige a autoria masculina do texto).

No entanto, o consenso durante o tempo dos pais apostólicos era de que Hebreus era de autoria Paulina. Ainda que não haja necessariamente a discussão de autoria de Hebreus nos escritos patrísticos são comuns as citações de passagem específicas de Hebreus como sendo do Apóstolo Paulo. Eusébio de Cesaréia, o pai da história da igreja, explicou que Paulo escreveu a epístola em hebraico, deixando

seu nome de fora para que ela pudesse ser lida e recebida mais rapidamente pelos judeus, os quais o odiavam e não queriam ouvir nada que Paulo quisesse falar. Lucas a traduziu para o grego, por isso ela é similar a Atos.

Quanto ao propósito da carta, que é o que mais nos interessa, Dr. Walter Martin, disse em sua sarcástica e habitual forma de falar que o livro de hebreus foi escrito por um hebreu para outros hebreus para dizer-lhes que deixassem de agir como hebreus. Na verdade, muitos dos primeiros crentes judeus estavam caindo de volta aos rituais do judaísmo a fim de escaparem da crescente perseguição. Esta carta, então, é uma exortação para esses crentes perseguidos a continuarem na graça de Jesus Cristo, reposicionando suas mentes e ações ao verdadeiro discipulado, à verdadeira forma de seguir a Jesus. Faremos destaques apenas de quatro expressões que aparecem em Hebreus que simbolizam a ênfase dada pelo autor quanto ao que aguardava de pessoas que, com maturidade, vivem o Evangelho. O conteúdo altamente judaico do texto com tantas referências ao AT, a Lei e ao culto do tabernáculo e do templo, enriquecem ainda mais o significado das expressões adotadas.

1.1.2.1. Aqueles que alcançam maturidade

Hebreus 6.1-2: Portanto, deixemos os ensinamentos elementares a respeito de Cristo e avancemos para a maturidade, sem lançar novamente o fundamento do arrependimento de atos que conduzem à morte, da fé em Deus, da instrução a respeito de batismos, da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.

O apóstolo Paulo já advertia na carta aos Efésios 4.14-16 sobre a necessidade do crescimento espiritual que leva o discípulo a não ser mais tão facilmente enganado. Naquele caso esta maturidade estava ligada à posse e uso dos dons espirituais. No caso dos Hebreus a maturidade está ligada a superação do debate sobre controvérsias a respeito de assuntos que já deveriam dominar: o arrependimento de atos que conduzem à morte, da fé em Deus, da instrução a respeito de batismos, da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.

Estes assuntos deveriam já estar dominados e os discípulos hebreus deveriam seguir em frente crescendo e servindo. É uma advertência que deve

envergonhá-los mostrando sua infantilidade em assuntos espirituais e sua paralisia também. Anteriormente, em 5.11-14, o autor já advertira que no momento lhes era impossível compreender o que havia de mais profundo porque se tornaram displicentes no ouvir e, por consequência, no aprendizado. É possível que autor de Hebreus não tenha tratado das questões que tinham em mente já que não havia maturidade suficiente para compreender.

Buscar maturidade é uma tarefa inerente ao discipulado. Ao contrário do que podemos fazer com um músico instrumentista, por exemplo, que pelo domínio ou pela falta de domínio de determinadas técnicas e de seu instrumento, o mesmo pode ser classificado como iniciante, intermediário ou avançado, não podemos fazer isto com um discípulo sem incorrer em algum erro, desvio ou ainda de plagiar certas seitas que graduam seus participantes. Mas podemos afirmar que um discípulo deve procurar se informar bem a respeito das principais doutrinas (salvação, fé, batismo, pecado, quem é Cristo, o que é a igreja, etc.). Além disto, deve exercitar plenamente a sua fé pela prática das boas obras e do uso dos dons recebidos do Espírito Santo. Além disto, deve ser capaz de ajudar e guiar outros. Cada vez mais, por consequência, ser parecido com Cristo em sua vida e devoção.

Quando vemos, por exemplo, o apóstolo Paulo e toda a sua lista de maravilhas espirituais (2Co 11-12), podemos ter uma ideia do que se trata este crescimento rumo à maturidade, ainda que, como sabemos, a experiência de cada seja particular e que tenhamos no apóstolo Paulo alguém sabidamente especial e inimitável.

1.1.2.2. Aqueles que não retrocedem

Hebreus 10.38-39: Mas o meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não me agradarei dele. Nós, porém, não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que crêem e são salvos.

Há quem diga que ir para trás não se deve ir nem para pegar impulso. Um exagero moderno que confronta qualquer possibilidade de derrota ou fracasso. Triunfalismo barato e sem sentido. No entanto, quando vemos as palavras do autor de Hebreus sabemos que se trata de assunto muito sério.

Este texto suscita questões quanto a possibilidade da perda da salvação, mas ainda que não nos identifiquemos plenamente nem com o calvinismo e nem com o arminianismo por considerar que são pontos de vistas limitados e com deficiências, ainda assim afirmamos que aqueles que foram salvos por Cristo terão sua salvação garantida por ele e, se fosse possível perder a salvação, com certeza todos os homens a perderiam. Outro assunto que este texto suscita, inevitavelmente, é o assunto da apostasia, ou seja, aqueles que um dia andaram no caminho de Cristo e, se vendem definitivamente ao pecado caindo em perdição e, mais uma vez, uma questão muito difícil surge.

O fato é que o autor de Hebreus fala daqueles que não retrocedem, sempre avançam. Ele diz que faz parte deste grupo. Alguns podem argumentar que o texto trata simplesmente de crentes corajosos ou de crentes covardes que desanimam diante a perseguição, mas é difícil escapar a uma complicação soteriológica quando lemos o verso 36.: "você precisam perseverar, afim de que, depois de terem feito a vontade de Deus, recebam tudo que ele lhes prometeu". Esta passagem parece contemplar o galardamento dos crentes no final de tudo e não simplesmente falar de alguns que são corajosos enquanto outros se acovardam.

Discípulos não fraquejam diante da perseguição e da tribulação, não desistem e sempre seguem em frente, enfrentando e crescendo mesmo diante da oposição e das dificuldades.

Cada contexto impõe dificuldades de características e intensidades diferentes a um discípulo de Cristo. Entretanto, todas elas tentam tirar o senhorio de Cristo da vida de um discípulo, calá-lo ou confundi-lo de alguma forma, além de tentar esvaziar ou desmerecer a mensagem do Evangelho ou o poder que o Evangelho tem. Seguir em frente é vencer estes desafios tendo consciência deles.

1.1.2.3. Pessoas de fé

Hebreus 11:1, 2: Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Pois foi por meio dela que os antigos receberam bom testemunho.

Após esta introdução o autor de Hebreus alista nominalmente muitos personagens da narrativa bíblica e da história de Israel, mas contempla também situações gerais em que cristãos e servos do passado enfrentaram e estavam enfrentando enquanto o autor ainda escrevia o texto. O cenário do final de meados do primeiro século e do final do mesmo século era de intensa perseguição aos cristãos, de confusões doutrinárias e heréticas dentro da igreja e de muita perturbação social e política naquela parte do Império Romano. O autor de Hebreus, desta forma, procura lembrar os destinatários originais desta carta da fé e coragem de seus irmãos do passado como forma de fortalecê-los diante de desafios e ameaças tão grandes como aquelas já vencidas por muitos naquele tempo.

No entanto, neste contexto, o que nos chama a atenção é o verso 39 que diz: "Todos estes receberam bom testemunho por meio da fé; no entanto, nenhum deles recebeu o que havia sido prometido". A leitura e a compreensão superficial deste verso podem confundir os desavisados, ou aqueles que não têm o correto conceito de fé no contexto de Hebreus. Para o autor de Hebreus, as pessoas que tem fé são aquelas que são fiéis a Deus e aos princípios estabelecidos por ele ainda que não tenham alcançado aquilo que buscavam. Algumas considerações são necessárias aqui.

Primeiramente que, em um mundo caído, não podemos esperar que a plenitude da vontade de Deus e de seu Reino se estabeleça. Os que pensam de forma contrária a esta ideia acreditam em alguma forma de *escatologia realizada* e praticamente se igualam a muitos que defendem formas de postura política e social que irão, em algum momento da história, promover a plena igualdade.

Em segundo lugar, poderíamos dizer que, a vida daqueles que o autor de Hebreus considera como os verdadeiros heróis da fé, foi uma vida de sacrifícios sem resultados. Nada poderia ser mais falso. Aqui precisamos estabelecer qual a finalidade da fé destes homens. Ao contrário do senso comum contemporâneo em que fé é sinônimo de conquistas, sobretudo materiais, estes homens nos ensinam que ser fiel a Deus e a sua vontade já é um fim em si mesmo. A fidelidade é relacional e não de conquista.

Em terceiro lugar, poderíamos pensar em quais são os ganhos de fato para alguém que é fiel. Jesus nos ensina a acumular tesouros no céu e não na terra (Mt 6.19-26) e o autor de Hebreus fala do bom testemunho alcançado diante de Deus, de seus contemporâneos e de nós também. Estes que se mantêm fieis serão galardoados por Jesus e são o melhor exemplo que cristãos de hoje em todos os lugares têm. Eles se tronaram a medida daquilo que Deus espera de nós.

Os riscos que o discipulado pode trazer a vida de um cristão estão, em parte, previstos em Hebreus 11. Diante deles é esperado que um discípulo seja fiel, que descubra o propósito de sua vida e entenda quais são os ganhos reais que pode esperar receber do Senhor.

1.1.2.4. Pessoas exercitadas na prática do bem

Hebreus 13.16: Não se esqueçam de fazer o bem e de repartir com outros o que vocês têm, pois de tais sacrifícios Deus se agrada.

O autor de Hebreus continua pensando na relação dos crentes com a vontade de Deus e lhes dando orientações práticas para seguirem. Agora ele toca na questão das posses materiais dos discípulos. Os discípulos devem repartir o que tem com os que precisam.

No entanto, notemos que ele chama esta disposição de dar ao outros o que se tem de sacrifício. Sacrifício em Hebreus tem relação direta com as ofertas de animais feitas no tabernáculo e depois no templo construído por Salomão. Oferta que incluía sangue, que remia pecados. O autor de Hebreus gasta tempo razoável explicando como este sacrifício é substituído e satisfeito plenamente em Cristo e que, a partir da morte e ressurreição de Jesus, o sacrifício de animais não é mais necessário e nem válido. Mas uma nova forma de sacrifício é exigida dos discípulos. Ainda inclui seus bens, ainda inclui o despojar-se de algo, alguma inclui alguma dificuldade: dar, ofertar, contribuir! E Deus se agrada disto.

Quando vimos a história do jovem rico em Mateus 19 vimos a ênfase de Jesus em sua conversa com ele e posteriormente com dos discípulos em relação ao apego às riquezas. Incansavelmente afirmamos que Jesus não condena ninguém

por ser rico e nem é avesso às riquezas. Jesus é avesso aos que vivem sua vida para servir às riquezas. Condena aqueles que são dominados por elas. Veremos um pouco mais disto na carta de Tiago mais adiante.

No entanto, o texto diz anteriormente que o bem deve ser feito e jamais deve cair no esquecimento. O discípulo tem na prática do bem uma das suas mais fortes expressões de relação com Deus e de sua fé. As boas obras foram feitas por Deus para que andássemos nelas conforme aprendemos como o apóstolo Paulo (Ef 2.8-10) e agora mais uma vez reforçado pelo autor de Hebreus.

O discípulo aprende que a prática do bem atende diversas e proveitosas características do discipulado. É a expressão prática do próprio discipulado, ou seja, o discipulado é um exercício constante de servir ao Senhor servindo aos outros. Molda seu caráter e o livra do egoísmo, ainda que seja possível servir visando lucro pessoal e reconhecimento. Faz um contraste interessante entre aquele que serve a Deus de fato e o que não serve. Quebra barreiras de comunicação porque, uma vez que as necessidades de alguém são supridas é possível que a pessoa esteja aberta para ouvir o Evangelho. Além disto, é capaz, também, de promover certo desapego material na vida de um discípulo que é fundamental para que ele também sirva bem ao Senhor.

1.1.2.5. Pessoas obedientes aos seus líderes

Hebreus 13.17: Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês.

As dificuldades que temos com as lideranças humanas não podem nos deixar esquecer ou tentar explicar este texto de Hebreus de outras formas, ou seja, temos líderes que estão acima de nós e a quem devemos obediência. Eles têm autoridade dada por Deus, reconhecida pela igreja e por seu testemunho, para ocupar uma posição tão importante. Note que o texto diz que estes prestarão contas a Deus por sua liderança, ou seja, tratamos com pessoas com alto grau de responsabilidade e sob forte cobrança. A estes devemos obediência.

Aqui poderíamos discorrer longamente sobre como lidar com lideranças que, a nosso ver, não tem condições espirituais para ocupar uma condição tão especial, mas em breve falaremos dos atritos entre a liderança e o discipulado. Vamos ater aqui à condição de um discípulo que é aprender a obedecer a aceitar a autoridade de líderes humanos.

Somos educados na cultura ocidental a ter independência e a pensar por nós mesmo desde cedo. Mesmo antes de acumular qualquer conhecimento ou experiência, as crianças são incentivadas a ter pensamento e comportamento independentes. Não é assunto para este trabalho, mas sabemos que isto é inviável, foge da vontade de Deus e trás, como tem trazido, consequências desastrosas e difíceis de serem corrigidas. Um discípulo jamais age com total independência, ainda que possa muitas vezes agir sozinho. São duas coisas diferentes. O discípulo depende, em primeiro lugar, do Senhor. Sua vontade é conhecida por Sua Palavra, pelo testemunho interno do Espírito e pela vivência conhecida e documentada pela igreja, mas, como estamos vendo, depende também de líderes e guias humanos. Eles são, em primeiro lugar, nossos pastores, e quaisquer outros líderes dentro da estrutura da igreja e do Reino sob os quais estaremos atuando.

Não apenas devemos reconhecer a liderança de alguém sobre nós e atender a esta liderança, mas o discípulo deve também prestar contas aos seus líderes. A forma como deve ser feita a prestação de contas não é assunto para este momento, mas enfatizamos que de alguma forma deve ser feita.

Aqueles que lideram também são discípulos. Poderíamos chama-los de líderes-servos. São aqueles que fazem de sua liderança uma forma de servir e que, estando a liderar outros, estão de alguma forma servindo também a estes a quem lidera. Quando lemos profetas como Jeremias e Ezequiel, vemos a advertência sobre a forma de liderança exercida por muitos pastores (sacerdotes, líderes religiosos, reis...) no passado. Alguns eram preguiçosos e negligentes, outros lideravam em benefício próprio, outros conduziam o povo a idolatria ou alguma forma de culto ou religiosidade apóstata. A condição de liderança não remove as

obrigações discipulares nem é capaz de isentar qualquer um que seja da condição de servo.

1.1.3. Expressões e declarações de Tiago

Lutero quis que Tiago fosse retirado da Bíblia por considerar que entrava em contradição com o restante do Novo Testamento e chamava a carta de Tiago de "Epístola de Palha". Romanos, o livro mais importante da Reforma e o livro mais comentado da igreja protestante, ensina a justificação pela fé. Tiago fala que a fé sem obras é morta e parece justificar a vida de alguém salvo por Deus pela prática das boas obras, dando a entender, erroneamente, que as obras salvam. Resumidamente, aprendemos que Paulo fala da justificação dos pecados pela fé que remove os seus pecados trazendo paz com Deus. Tiago, por sua vez, fala da justificação do crente, ou seja, a prova final e cabal da vida de um cristão que tem a fé que salva pela prática das boas obras. Basta comparar Tiago 2.20-26 com Efésios 2.8-10.

Vamos destacar apenas duas características esperada dos discípulos de Cristo na carta de Tiago: as obras e o cumprimento da Palavra.

1.1.3.1. A importância das obras

Mateus 5.16: Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.

Efésios 2.10: Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos.

Tiago 2.14, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 26; 3.13: Mas alguém dirá: "Você tem fé; eu tenho obras". Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras. Você pode ver que tanto a fé como as suas obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Insensato! Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil? Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé. Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta. Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Caso semelhante é o de Raabe, a prostituta: não foi ela justificada pelas obras, quando acolheu os espias e os fez sair por outro caminho? Quem é sábio e tem entendimento entre

vocês? Que o demonstre por seu bom procedimento, mediante obras praticadas com a humildade que provém da sabedoria.

Com a queda do homem no Éden a criação ficou entregue à desordem e ao pecado. Nada mais funciona corretamente. O mundo precisará ser refeito e a maldição do pecado deve ser retirada para que haja de fato ordem e funcionalidade. Quando o homem recebe Jesus como Senhor e Salvador ele também recebe a missão de agir, conforme e a vontade de Deus, em um mundo caído trabalhando pela salvação de outros homens e pela justiça e retidão. Esta tarefa hercúlea e infundável é o que chamamos de boas obras. Na carta de Tiago vemos uma preocupação especial com os pobres, os famintos e os negligenciados socialmente. Portanto, quando Tiago nos fala em boas obras, está falando de justiça social, da busca do bem-estar do outro e de um coração que sente as necessidades e se compadece dos necessitados.

Tiago parece encorajar os crentes para que não tenham uma fé apoiada apenas em pensamentos e no reconhecimento de doutrinas importantes e que não levam à prática das obras e da justiça. Os discípulos tem um papel fundamental de não apenas andar e realizar constantemente as boas obras, mas sinalizar a presença do Reino de Deus e do irromper uma nova realidade espiritual em um mundo caído. Para isto temos três exemplos no Novo Testamento que chamam a atenção. O primeiro é o de Atos 4.42-47 em paralelo com Atos 4.32-37, o segundo é Atos 6.1-7 e o terceiro é 2Coríntios 8.1-9.15. Todas estas passagens estão ligadas às necessidades materiais de grupos específicos e da capacidade de doar e participar do sofrimento alheio.

Em Atos 4.42-47 e Atos 4.32-37 vemos a disponibilidade dos discípulos e novos crentes da igreja chamada de primitiva em doar e repartir seus bens e de como isto era um bom testemunho para os de fora, como aquilo ajudava a resolver os problemas materiais de outros e como o Senhor os abençoava por ter esta postura, disponibilidade e desprendimento material derramando sobre eles ainda mais benção tendo como principais resultados a conversão de ainda mais gente e o fortalecimento espiritual e numérico da igreja que nascia. Algumas observações são importantes quanto a estas passagens. Primeiramente é bom enfatizar que todos os

que faziam isto o faziam voluntariamente e sem pressão, mas é óbvio que o exemplo de alguns pode ter convencido outros a fazer o mesmo (depois veremos o caso em que este exemplo foi seguido por inveja e com mentiras – Ananias e Safira). Em segundo lugar eles estavam tomados pela pregação da Palavra que os exortava a ter transformação de vida e aguardar o retorno iminente de Cristo. Este despojar era, então, uma manifestação do desejo de logo estar com Cristo. Em terceiro lugar havia clara indicação de que havia pobres e necessitados entre eles e que cristãos não podiam de forma alguma ignorar as necessidades dos outros. Se por um lado vemos que os pobres foram atendidos em suas necessidades, não temos indicação de que aqueles que doaram tudo passaram a ser necessitados por que temos afirmações de que tudo lhes era comum e nada lhes faltava (2.44 e 4.34).

Quando vamos para Atos 6.1-7 percebemos que aquele equilíbrio do início começou a desmoronar e a pender apenas para um lado. As viúvas judias de fala grega estavam sendo negligenciadas na partilha diária de alimentos, ou seja, estavam ficando com fome (6.1). Não está muito claro no texto o porquê disto, mas podemos supor que os judeus de fala hebraica pensavam apenas em atender os suas próprias viúvas desprezando as outras, ou pode haver ainda um motivo de natureza racial envolvida porque apesar de judias eram de fala grega. O fato é que este problema chegou aos apóstolos que reconheceram como um problema real e que carecia de solução urgente. Não podendo atender pessoalmente por causa do encargo de pregar a Palavra, designaram os diáconos (servos) para este trabalho. É bom observar que os diáconos foram escolhidos entre os homens mais espirituais e mais maduros entre o grupo provando que a questão ocupava grande importância entre os apóstolos. No capítulo seguinte vemos a morte comovente de um destes homens bem preparados, de bom testemunho e fiéis.

Finalmente, temos na longa passagem de 2Coríntios 8.1-9.15 um apelo do Apóstolo Paulo para a contribuição dos coríntios aos crentes necessitados de Jerusalém. Paulo tem em mente algumas questões. Primeiramente ele teme que os ricos coríntios não sejam capazes de dar uma oferta expressiva como os pobres macedônios fizeram. Os macedônios apesar da pobreza imploraram por participar a oferta para socorrer os crentes de Jerusalém (2Co 8.1-5). Em segundo lugar ele

espera que os coríntios que eram reconhecidamente abençoados por Deus com dons e riquezas materiais fossem capazes de manifestar gratidão e a "obrigatoriedade" de participar desta coleta, ainda que Paulo diga em 8.8 que não os está ordenando a fazer nada. Em terceiro lugar, há havia uma prontidão dos coríntios de cerca de um ano anterior e talvez isto não estivesse se concretizando como planejado (8.10).

Por estas poucas, mas conclusivas passagens, podemos afirmar algumas coisas.

- a) Em um mundo caído Deus salva pessoas e começa a reverter os efeitos do pecado por meio da prática das boas obras destas mesmas pessoas que salvou.
- b) As boas obras são o *modus operandi* dos discípulos, ou seja, eles manifestam sua fé e salvação quando praticam as obras, são duas situações necessárias uma a outra – quem é salvo pratica as boas obras, as boas obras são para os salvos praticarem.
- c) Os discípulos não folgam com as injustiças e não aceitam as desigualdades, sobretudo quando elas desumanizam ou prejudicam alguém em suas necessidades básicas.
- d) Sendo abençoados assumimos a responsabilidade de repartir as bênçãos com quem tem necessidades.
- e) As boas obras são um testemunho para o mundo de que Cristo está presente na vida de pessoas que foram transformadas por Ele.

1.1.3.2. Observadores e cumpridores da Palavra de Deus

Mateus 7.24-29: Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda. Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei.

Tiago 1.21-25: Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los. Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu, mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer.

Quando falamos de ouvir a Palavra de Deus devemos ter consciência de que o homem só encontra o sentido, razão e propósito de sua vida de modo heterônomo e não de modo homônomo, ou seja, a verdade sobre o homem está fora dele e não dentro dele, a não ser que tenha sido implantada pelo Espírito como diz Tiago.

Citamos o final do Sermão do Monte porque nele Jesus adverte os seus ouvintes que ter a vida firme e alicerçada implica em ouvir e praticar o que acabaram de ouvir. Tiago segue a mesma linha de pensamento e acrescentar detalhes: a palavra salva, quem a ouve não se engana a si mesmo, não vive uma vida dividida e cindida, terá liberdade e será feliz (bem-aventurado) no que fizer. O discipulado como destacamos várias vezes é repleto de recompensas, vitórias e alegrias. Mais do que uma palavra de repreensão de Tiago parecemos ouvir o apóstolo exortar os irmãos a seguirem em frente e darem ouvidos à Palavra de Deus constantemente.

Tiago afirma que a Palavra de Deus foi implantada em nós. Este é o cumprimento de profecias antigas sobre Deus habitar nossos corações e neles gravar a sua lei (Ez 11.19, 36.26, p. ex.). Há um paralelo claro com a presença do Espírito Santo que em nós habita nos convencendo de tantas coisas, dando dons e pondo as palavras na boca na hora certa, etc. Mesmo com tamanha presença de Deus em nós é possível que nos esqueçamos de toda a verdade salvadora e libertadora e vivamos de acordo com nossa própria vontade. A advertência de Tiago é necessária e faz todo sentido: discípulos devem guardar e não esquecer as palavras do Senhor.

Ele também diz que quem a ouve e não pratica engana a si mesmo. Enganamos a nós mesmos pelo menos em dois sentidos. Se porventura ouvimos a verdade e não a praticamos, estamos sabotando a nossas próprias vidas e seguindo

caminho e regras que irão nos destruir e fazer ruir planos e propósitos. Em segundo lugar, decorrente do primeiro, afirmamos valores que de fato não estamos dispostos a seguir. Nenhuma destas situações é desejável. Tiago nos adverte que estamos indo contra nós mesmo e amontoando condenação contra nós mesmos (p. ex. Rm 2.1).

Na prática, quem ouve constantemente a Palavra concordando com ela e não praticando vive uma vida dividida e cindida, uma vida dupla. É óbvio que as altas exigências do discipulado e nossas dificuldades naturais por causa do pecado e, também, de outras limitações, gerem em nós um turbilhão de conflitos. Não há ninguém que não possa ser acusado de incoerência, ou até mesmo de hipocrisia. Acreditamos, no entanto, que Tiago diga isto com relação às práticas de vida que claramente contrariam constante e costumeiramente o que se aprende e o que se diz acreditar. Seria o caso daquele que vive pecando.

Tiago não elabora o conceito de liberdade como gostaríamos, já que em nosso tempo parece um valor imprescindível: todos querem liberdade. A liberdade é um conceito que sempre traz em si contradições e inconsistências. Ela nunca parece ser total. O ser humano jamais será plenamente autônomo. Dependemos não apenas de pessoas, mas de estruturas, de comida, do ar, etc. Não produzimos por nós e nem em nós o suficiente para sustentarmos a nós mesmos a ponto de não dependermos de nada (liberdade). Mesmo aqueles que querem viver fora das regras e criar suas próprias regras acabam descobrindo da forma mais trágica que isto não é possível. Biblicamente o que temos de mais claro com relação à liberdade é aquela que trata a respeito da nossa relação com o pecado, ou seja, Cristo nos dá liberdade do pecado e nos faz livres dele (Jo 8.32-36). A mente pecaminosa do homem cria nele um pensamento sabotador: quem está livre de Deus pode fazer o que quiser. Fazer o que quiser, neste caso, é se entregar às formas mais devassas do pecado como se esta entrega jamais trouxesse consequências. Não precisamos discorrer longamente a respeito das consequências do sexo livre, do excesso de velocidade com carros e motos, da má alimentação, do uso de drogas, das noites em claro, do desrespeito pela família, da prática de crimes, etc. Práticas estas consideradas por muitos como sinônimo de uma vida livre. Devemos, no entanto,

considerar o mundo de possibilidades que a liberdade do pecado que nos dá: acesso ao Pai, sucesso em nossos empreendimentos honestos e planejados, vida familiar intensa, saúde física e espiritual, esperança, certezas futuras de plenitude de vida, etc. O inferno não será um lugar de festas, felicidade e total liberdade para aqueles que não ouviram a Palavra. Grandes festas, felicidade e liberdade apenas no Céu com Cristo. Prêmios do discipulado.

Tiago ainda afirma a bem-aventurança no que se faz. O discípulo recebe de Cristo a capacidade, ajuda e apoio para que tudo que fizer dê certo. O sucesso é uma prerrogativa do discipulado. Não precisamos discorrer longamente aqui sobre aquilo que consideramos sucesso e que nada tem a ver com fama, dinheiro ou valores deste mundo. É a segurança de realização dos intentos e de uma vida plena que procura agradar a Deus. O propósito final e, portanto, o sucesso de um discípulo, está em glorificar o seu Senhor.

1.1.4. Expressões e declarações de Pedro

Pedro já apareceu diversas vezes no nosso texto até aqui. Algumas vezes com fatos positivos e marcantes e outras vezes em situações vergonhosas e conflituosas. Aquele era o Pedro no início de seu discipulado. Agora é o Pedro amadurecido e vivido. Sem dúvida, como homem que era, poderemos encontrar nele alguma inconsistência ou falha ainda, mas este Pedro amadurecido não tem sobre si as intensas desconfianças e inconstâncias do Pedro dos Evangelhos. Ele estava prestes a também ser morto por sua fidelidade a Cristo e era um guia irrepreensível da igreja e que merece ser ouvido (lido). Não faremos uma detalhada análise de suas duas cartas, mas apenas os destaques como já estamos fazendo.

1.1.4.1. Que sofrem como cristãos

1 Pedro 4.12-19: Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para os provar, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo. Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria. Se vocês são insultados por causa do nome de Cristo, felizes são vocês, pois o Espírito da glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vocês. Se algum de vocês sofre, que não seja como assassino, ladrão, criminoso ou como quem se intromete em negócios alheios. Contudo, se sofre como cristão, não se envergonhe, mas glorifique a Deus por meio desse nome.

Pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se começa primeiro conosco, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, "se ao justo é difícil ser salvo, que será do ímpio e pecador?" Por isso mesmo, aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar suas vidas ao seu fiel Criador e praticar o bem.

Já houve momentos da história da igreja em que o sofrimento parece ter sido desejado e procurado por alguns grupos específicos de cristãos como forma de provar sua fé e fidelidade. Não é o que Pedro está ensinando. Ele diz, e cremos que o diga com pesar, que grande fogo está posto para provar os cristãos, como perseguição e provações vindas de fora. Jesus já advertiu que o mundo odiaria os discípulos (Mt 24.9, Jo 15.18-19). A natureza deste sofrimento é clara: filiação e fidelidade a Cristo. O falso sofrimento do cristão também: por causa do pecado e das más obras. Pedro enfatiza, também, que o julgamento começa pela casa de Deus e que, os servos de Deus devem esperar ser julgados por Deus e com rigor.

O discípulo deve compreender que o sofrimento e a perseguição podem fazer parte do discipulado porque vivemos em um mundo que odeia Jesus e o que ele ensina, e por isto há de odiar os que o seguem e pregam a sua palavra. Existe hoje em dia a clara aversão ao cristianismo, enquanto outras religiões são incentivadas. Principalmente religiões de cunho pluralista e universalista, ou seja, aquelas que aceitam adesão sem maiores consequências para a vida particular, que crescem e procuram se impor ao cristianismo, ao passo que o cristianismo com seu exclusivismo e mensagem contra o pecado é atacado, tendo até a criação de leis com o intuito de recriá-lo e até de criminalizá-lo. O discurso politicamente correto também concorre contra o cristianismo. O cristianismo possui valores que chocam com desejos políticos, econômicos e militares. Ele também confronta as liberdades pessoais pecaminosas e que denigrem a sociedade e a família.

Pedro ainda acrescenta a afirmação de que será difícil até mesmo para o salvo chegar à salvação. É o caminho duro e difícil que Jesus informou anteriormente (Mt 7.14). Caminho pelo qual poucos passam.

1.1.4.2. Sendo santos como Deus é Santo

Levítico 19.2: "Diga o seguinte a toda comunidade de Israel: Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo.

Levítico 11.44-45: Pois eu sou o Senhor Deus de vocês; consagrem-se e sejam santos, porque eu sou santo. Não se tornem impuros com qualquer animal que se move rente ao chão. Eu sou o Senhor que os tirou da terra do Egito para ser o seu Deus; por isso, sejam santos, porque eu sou santo.

Levítico 20.7: "Consagrem-se, porém, e sejam santos, porque eu sou o Senhor, o Deus de vocês.

Levítico 20.26: Vocês serão santos para mim, porque eu, o Senhor, sou santo, e os separei dentre os povos para serem meus.

Salmos 82.6: Eu disse: vocês são deuses, todos vocês são filhos do Altíssimo.

1Pedro 1:15, 16: Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem. Pois está escrito: Sejam santos, porque eu sou santo".

Pedro diz que devemos ser Santos. Ele toma esta expressão emprestada do livro de Levíticos onde aparece algumas vezes. O contexto de Levíticos é chamado de Código de Santidade e cobre os capítulos de 11 a 26 do mesmo livro. Na legislação do Livro do Êxodo já encontramos a semente e os elementos primários do Código da Santidade que vamos encontrar em Levítico. Ele compreende questões do dia a dia do povo de Deus que iriam contrastar com a vida e costumes dos povos que teriam à sua frente. Como sabemos, infelizmente, nem todos os avisos e ensinamentos claros do livro de Levíticos foram seguidos e o povo se entregou aos costumes dos povos ao redor, entre os quais a idolatria foi sempre o hábito mais destruidor (Lv 20.23; Dt 6.14, 13.7; Jz 2.12). O Código de Santidade prenuncia os valores do Reino de Deus devem ser conhecidos e aplicados pelos discípulos.

Tomemos um exemplo do Êxodo, em que já podemos perceber a questão do amor ao inimigo ensinado no Sermão do Monte e, também, veríamos no Código de Santidade e nos Profetas. Trata-se de alguém que encontra um jumento de um inimigo perdido no deserto. A Lei ordena o seguinte: "Tu o levarás a seu dono". E se, no caminho, encontrar o jumento do inimigo arreado pelo peso da carga e o cansaço? "Não passes ao largo! Presta-lhe ajuda!" (ver Ex 23.4-5).

Nos versículos anteriores (Ex 23.2-3) também encontraremos o conceito da justiça verdadeira que agrada a Deus e que, até nossos dias, será uma regra a ser seguida: "Não tomarás o partido dos poderosos para fazer o mal. Não farás declarações num processo, tomando o partido dos poderosos e violando o direito.

Não favorecerás o poderoso em sua causa”. Estas regras atendiam a um povo nômade e pastoril, mas que logo seria uma grande nação. Há, também, indicações de pureza e ordenamento sexual . Por exemplo, em Levíticos 18.6-23 diz que ninguém deve ter relações sexuais com parentes próximos como mãe, pai, irmãos, netos, tios, nora, cunhada, etc. Também não são aceitáveis relações com uma pessoa do povo sem que haja firmado e consumado compromisso conjugal. O v. 22 é uma clara declaração contra o comportamento homossexual, diz que é “uma abominação”.

O contexto de Pedro é o que exorta à pureza e desejo pela Palavra de Deus. A santidade também é invocada neste contexto. Sabemos, naquele contexto, das disputas apostólicas, do orgulho dos dons e também do surgimento das primeiras heresias. Além disto, pela história, conhecemos o comportamento lascivo de gregos e romanos e do teor idólatra e sexualmente promíscuo do estado romano. De fato, as palavras de Pedro são palavras importantes em um contexto de distanciamento de Deus e total depravação.

Estar no mundo, mas não ser do mundo é de valor inestimável para um discípulo. Não ser tentado pelo mal ou resistir-lhe é uma grande desafio e até mesmo uma meta. Santificar-se enquanto todo o resto trabalha contra este processo faz dele ainda mais difícil e até mesmo penoso, mas a ordem está posta: sejam santos como Deus é santo. Neste contexto, a santidade não é apenas separação, mas a luta e vitória efetiva contra os efeitos de pecado enquanto se anda conforme a vontade de Deus em tudo. É uma grande batalha espiritual.

Pensando em nossos desafios mais evidentes podemos alistar que santidade implica em:

- 1) Fuga e abandono total de vícios a que mesmo cristãos de hoje estão sujeitos (drogas, álcool, pornografia, jogos, etc.);
- 2) O cuidado com as conversações (palavrões, frases de duplo sentido, torpeza, forma de falar, murmúrio, queixas e reclamações, etc.);
- 3) A cuidadosa seleção de amigos e lugares que frequenta;

- 4) O cuidado contra o risco constante da apostasia, ou seja, do abandono dos caminhos de Deus;
- 5) O cuidado contra a frieza e apatia espiritual;
- 6) A luta contra uma visão liberal³ da Bíblia e da vida;
- 7) A luta pela boa convivência familiar em uma família igualmente santa.

Estes são apenas alguns dos problemas que podemos pensar no momento. Podemos aumentar esta lista ou pormenorizar os itens já citados.

1.1.4.3. Livres do mal e com desejos puros e intensos

1Pedro 2.1-3: Livrem-se, pois, de toda maldade e de todo engano, hipocrisia, inveja e toda espécie de maledicência. Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom.

O apelo do apóstolo Pedro é contundente: não somos mais, em Cristo, queremos o há de mais puro em Cristo. As expressões petrinas são muitas e merecem consideração neste texto. Deus está formando uma geração, sacerdócio, nação, e povo completamente diferente por meio de seus discípulos.

Os discípulos procuram se livrar de todo sentimento e prática ruins. Os discípulos são habilitados pelo Espírito a reconhecer e resistir ao mal. Estão livres por Cristo do pecado e justificados por Deus pela fé em Cristo. Deste modo, lhes resta fazer aquilo que Paulo diz em Filipenses 4.8: "Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas". Pedro parece se inclinar na mesma direção: encorajar os discípulos a pensarem e agirem sempre pelo bem. O bem, conforme declara a pós-modernidade, é relativo, ou seja, o que é bem para um pode não ser bem para o outro. Não podemos concordar com esta afirmação tão aberta e pouco convincente. O ser humano tem a noção do bem e do belo, conforme os filósofos

³ Aqui a palavra liberal é usada nos dois sentidos: teológico e comum. O sentido teológico vem da teologia do século XIX que esvaziou o significado da Bíblia e a considera um mito com outras intenções negando-lhe a realidade histórica. No sentido comum, liberal é aquele sem critério moral definido ou permissivo em seus pensamentos e atitudes.

antigos já afirmavam e discutiam. O que é bem para um cristão é igualmente o bem para um homem comum.

Pedro também afirma que os discípulos e seguidores de Jesus devem ser “como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom”, afirmação que parece contradizer Paulo em Efésios 4.14 e o autor de Hebreus em 5.12 que tratam da infantilidade cristã daqueles que não se desenvolveram. Pedro aqui faz a afirmação à partir do grande desejo que uma criança tem pelo leite que o fará crescer. Assim, este apego à Palavra é regido por grande vontade e forte desejo. Pedro parece instruir crentes maduros para que não se deixem jamais esfriar e para que sempre se atenham à Palavra de Deus com grande interesse e vigor.

1.1.4.4. Geração Eleita, Povo Santo, Sacerdócio Real, Propriedade exclusiva

1Pedro 2.9: Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

Ele termina esta seção de sua carta fazendo uma breve, mas vigorosa declaração de identidade cristã. Ele diz que “vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

Em cada geração Deus tem um número de representantes legais e portadores de sua mensagem. Apesar do valor de muitos servos do passado, os que precisam se apresentar valorosos são os que estão nesta geração. Pedro parece querer mostrar aos leitores originais da carta a importância que eles têm naquele tempo – são eles os responsáveis por pregar e viver o Evangelho naquele momento. Assim somos nós que lemos este texto nesta geração. Cabe a nós⁴. Os discípulos

⁴ Acredito que valha uma observação sobre o conceito comum de que os anjos desejaram pregar o Evangelho se lhes fosse possível baseando este argumento em 1Pedro 1.10-12. Lá está escrito: “ Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram, procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava, quando lhes predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam àqueles sofrimentos. A eles foi revelado que estavam ministrando, não para si próprios, mas para

reconhecem o peso de sua importância em sua geração. Reconhecem a necessidade de sua vida e testemunho em seu tempo, por isto, podemos nos lembrar da exortação de Paulo a Timóteo em 4.2: " Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina".

Uma das fortes ênfases que queremos dar neste trabalho diz respeito ao sacerdócio universal dos crentes que aqui Pedro chama de sacerdócio real. O Apóstolo Pedro procura informar, lembrar e conscientizar os crentes de seu sacerdócio. O sacerdote no AT era responsável pelos sacrifícios que perdoavam os pecados e por oferecer a Deus toda a sorte de ofertas por culpa, gratidão e ofertas voluntárias. Cada crente hoje pode e deve oferecer a si mesmo, interceder por si mesmo e por outros, fazer ofertas de louvor que é produto de lábios que adoram a Deus (Hb 13.5). Mais à frente voltaremos a falar da necessidade do exercício do sacerdócio universal dos crentes.

Pedro reconhece nos discípulos uma nação santa. Se nos é difícil imaginar apenas um crente santo quanto mais uma nação inteira. No contexto de Pedro esta nação não é santa apenas por pertencer a Deus ou por ter sido separada por Ele para servi-lo, mas em que demonstra sua santidade de vida prática. No livro *Solidariedade da Raça* de Russel Shedd ele aborda os aspectos solidários da fé e da vida do povo judeu estendidas aos conceitos de vida e corpo de Cristo que é a igreja. Os paradigmas e a cosmovisão ocidental quase nos impedem de compreender este conceito tão profundo e tão diferente. Da mesma forma que o pecado de Adão foi imputado sobre toda a raça humana, as bênçãos do segundo Adão, que é Cristo, alcançam todo o seu povo. Quando vemos a maneira como famílias inteiras eram punidas por causa do pecado de alguém, ou mesmo quando

vocês, quando falaram das coisas que agora lhes foram anunciadas por meio daqueles que lhes pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu; coisas que até os anjos anseiam observar". Primeiramente, o que Pedro afirma é que os profetas do passado não foram capazes de alcançar pleno entendimento da salvação que os discípulos atuais à carta receberam por Cristo e seu Espírito. Estes profetas do passado não sabiam que tratavam de assuntos pertinentes ao tempo em que os leitores da carta de Pedro e, por extensão, nós também, estamos testemunhando e vivendo. Por fim, o que ele afirma é que os anjos também desejaram averiguar, e não pregar, a respeito do desenrolar desta história de salvação de Deus.

toda a nação sofreu por causa dos erros de um Rei e de uma família específica como nos casos de Acã e do senso de Davi, vemos exemplos deste conceito tão complexo e de difícil aceitação para a cultura individualista, hedonista e antropocêntrica ocidental. Por isto Pedro chama os irmãos de nação santa. Somos um corpo único dirigido por uma só cabeça que é Cristo.

Quando Pedro afirma que somos povo exclusivo de Deus temos a via invertida de um mesmo caminho. Temos argumentado insistentemente até aqui sobre a necessidade de que o discípulo seja servo de um só Senhor, que o sirva integralmente e com todo o coração e alma. Agora, Pedro nos diz que somos povo exclusivo de Deus, ou seja, que Ele não tem outro povo. Devemos sempre afirmar, como nos mostram os profetas, o amor de Deus por outras nações como o Egito, a Etiópia, como Assíria, a Babilônia, Tiro e Sidom (ver Isaías de 13-27, por exemplo), entre tantas outras, já que sempre desejou que estas também o servissem e sempre afirmou que as abençoara também. Quando vamos para o NT vemos Jesus afirmando que Deus manda a chuva e sol para justos e injustos (Mt 5.45). No entanto, podemos e devemos diferenciar este amor e cuidado de outras questões de maior intimidade e compromisso. Como povo exclusivo do Senhor, somos chamados, conforme o próprio Apóstolo Pedro afirma, *para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*. Há uma clara diferença entre aqueles que são de Deus e os que não são. Entre aqueles que são discípulos e os que não são. Os discípulos são representantes das bênçãos e mensagens especiais de Deus e não podem, e nem devem, falar como os demais. Há uma graça especial nesta relação. Deus não se relaciona com seu povo da mesma forma que com outros que não o temem, apesar de amá-los e desejar e trabalhar por sua salvação.

1.1.4.5. Pedras vivas

À medida que se aproximam dele, a pedra viva — rejeitada pelos homens, mas escolhida por Deus e preciosa para ele — vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo. Pois assim é dito na Escritura: "Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e aquele que nela confia jamais será envergonhado". Portanto, para vocês, os que crêem, esta

pedra é preciosa; mas para os que não crêem, "a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular", e, "pedra de tropeço e rocha que faz cair". Os que não crêem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados.

Pedro é Pedra. O apóstolo principal da igreja e o comissionado por Jesus. É o primeiro pregador da igreja cristã e grande evangelista, mas Cristo é a Pedra Viva, a pedra de esquina que os construtores rejeitaram (ver Salmo 118,22, mas foi citado cinco vezes no Novo Testamento (Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17; At 4.11; 1Pd 2.7, e possivelmente aludido duas vezes em 1Cor 3.11; Ef 2.20). Nas construções antigas a pedra angular era a pedra de esquina que servia para alinhar toda a construção. A escolha de uma boa pedra facilitaria a construção conforme a planta. Uma pedra fora de esquadria resultaria numa construção errada. Os construtores de Israel julgavam Jesus uma pedra inadequada para o tipo de construção que eles queriam. Deus o julgou perfeito para edificar a igreja conforme a planta divina. Agora, Pedro nos chama, como discípulos, de pedras vivas sendo usadas na construção do Reino de Deus.

Um título como este deve chamar nossa atenção. Ao construir algo, nenhuma pedra por si só é suficientemente importante na obra como um todo. Mesmo assim, sem cada uma delas não é possível que haja obra. Algum ponto da construção pode ficar incompleto ou enfraquecido. Estas pedras, conforme Pedro diz, são vivas, ou seja, ao contrário das pedras mortas e estáticas das obras antigas e modernas, estas pedras se movimentam, tem atitude e participação. Os discípulos estão sendo usados por Deus para construir algo muito maior: seu Reino.

No entanto, é a mesma pedra que faz tropeçar os que não crêem e estão construindo algo diferente e a parte de Deus e por isto não podem usar este material, ou seja, os princípios da verdade de Cristo e se seu senhorio.

Os discípulos são pedras usadas pelo Grande Construtor para uma obra que nem mesmo eles sabem ao certo o tamanho e o formato final, mas como parte deste material tão importante, exercem seu papel.

1.1.5. Expressões e declarações de Judas

A carta de Judas é um possível extrato da carta de 2Pedro. Há muita discussão sobre quais dos dois documentos poderiam ter originado o outro, mas ainda nos resta o fato de que, por uma coincidência sobrenatural (que é possível) o conteúdo seja tão aproximado. A carta de Judas tem tom mais apologético e poderíamos afirmar que ele é o primeiro apologeta da igreja (Jd 3). A postura exigida por Judas dos discípulos é de luta pela fé e de identificação do falso e do verdadeiro e que providências sejam tomadas. As providências esperadas por Judas são que se lembrem de sempre do que foi predito pelos apóstolos (v. 17-18), que se mantenham unidos sempre (v. 19) já que entre os verdadeiros crentes existem os falsos que causam divisão, que edifiquem-se mutuamente (v. 20), mantenham-se amando (v.21), sendo compassivos com os que erram (v. 22), salvando outros do fogo condenador (v. 23) e, finalmente mostrando misericórdia por outros.

Vemos que Judas procura conciliar o amor, a força para manter pura a igreja e a esperança de converter os que erram e salvar os que perecem. Judas coloca o discípulo em uma condição muito severa de trabalho e de relações mútuas. Cartas como esta mostram que quando falamos do Reino de Deus não estamos tratando de algo infantil ou sem importância, mas de um trabalho do qual dependem a vida de muitas pessoas e os discípulos se empenham por alcançar o maior número possível de perdidos.

1.1.6. Expressões e declarações de João

O apóstolo João se encontra em suas cartas e no Apocalipse como um ancião vivido, experiente, passivo, mas ainda corajoso e preocupado com a unidade da igreja e da preservação da verdade do Evangelho com heresias que estão ganhando força e que negam Jesus como quem veio em carne. Em Apocalipse há intensificação como nunca das perseguições contra os cristãos e muitos começam a negar sua fé ou negociar a verdade. João, desta vez, conclama a coragem, fidelidade e sabedoria para lidar com os que resistem e os que perseguem os cristãos.

O contexto das cartas e do Apocalipse é de muitas tensões internas e externas e muito será exigido dos discípulos de Cristo. Como anteriormente, faremos apenas um breve resumo de algumas expressões mais importantes e que não surgiram ainda nos outros escritos do NT. Quanto ao Apocalipse nos concentraremos apenas nas características distintivas das sete igrejas e seus desafios discipulares para manterem a fé e a doutrina.

1.1.6.1. Aquele que anda na luz

1João 2.9-10: Quem afirma estar na luz mas odeia seu irmão, continua nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz, e nele não há causa de tropeço.

Já mostramos anteriormente que os discípulos são aqueles que amam os outros discípulos e amam também os perdidos e seus inimigos. A informação nova em 1João é que aquele que ama demonstra com isto andar na luz. As trevas estão reservadas para o caminho daqueles que ainda odeiam seus semelhantes.

João parece querer mostrar que o amor ilumina a vida de quem o tem, o fazendo andar tranquilamente, enquanto o ódio trás trevas sobre a vida de quem o pratica. De fato, quando o homem tem comunhão e bons sentimentos em relação a seus semelhantes não tem do que se envergonhar. Quem odeia tem do que se envergonhar porque é um sentimento universalmente condenável, ainda que universalmente praticado.

As profecias messiânicas davam conta de que uma grande luz brilharia nas trevas, mas as trevas não a compreenderiam (Jo 1.5), mas um povo a veria e passaria a andar na luz (Is 9.2; Mt 4.16). O contexto de Mateus 4 deixa clara a ideia de que esta luz é Jesus. Tal iluminação, ainda conforme Mateus, é o reflexo da presença do próprio Jesus anunciando a chegada de seu Reino e conclamando os homens ao arrependimento. Andar na luz é viver longe do pecado e isto nos faz ver nossos irmãos também.

Mais uma vez, a marca dos verdadeiros discípulos é amor pelos seus semelhantes. É possível que o contexto da carta de João seja de um intenso conflito

entre os irmãos da igreja em questão. Por isto, o clamor: andem na luz, amem seus irmãos!

1.1.6.2. Aqueles que conhecem o pai e venceram o maligno

1João 2.14: Filhinhos, eu lhes escrevi porque vocês conhecem o Pai. Pais, eu lhes escrevi porque vocês conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu lhes escrevi, porque vocês são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece e vocês venceram o Maligno.

A linguagem joanina é extremamente carinhosa (filhinhos!) e de grande intimidade. Ele teve esta intimidade com Jesus, sendo reconhecido como o discípulo amado, e demonstra ter tido esta grande transformação já que antes fora o Filho do Trovão (Mc 3.17, juntamente com seu irmão Tiago) e o mesmo que desejara a morte dos samaritanos porque não quiseram receber Jesus (Lc 9.51-56).

Além de seguir o exemplo de Jesus, João provavelmente levava em consideração ensinamentos como "sejam prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas" (Mt 10.16). O contexto desta passagem é de perseguição e de tortura por causa do Evangelho o que nos dá a dimensão exata da profundidade e extensão deste ensino.

Conhecimento em João é relacionamento. Conhecimento do Pai também implica em vida eterna (Jo 17.3). Vencer o maligno implica em não estar sujeitos às influências daquele que domina o mundo (1Jo 5.19).

Discípulos para João são aqueles que já tem um relacionamento com o Pai a tal ponto de poderem afirmar que o conhecem e que não estão mais sujeitos ao Diabo.

1.1.6.3. Aqueles que conhecem a verdade

1João 2.21: Não lhes escrevo porque não conhecem a verdade, mas porque vocês a conhecem e porque nenhuma mentira procede da verdade.

João estava presente na disputa com os mestres da lei e outros judeus descrita em João 8 quando Jesus os chamou de escravos do pecado e falou da necessidade de conhecer a verdade. Jesus revela em João 14.6 que ele é a própria verdade, além

do caminho e a vida. Este conhecimento da verdade em 1João está diretamente ligado ao próprio Jesus.

Ideias pré-gnósticas já eram presentes na igreja. Negar a humanidade de Jesus se constituía em uma heresia que podia derrubar a fé e criar inconsistências e dificuldades no dia a dia da igreja. João insiste desde o início da primeira carta que afirmar a humanidade de Jesus era essencial, e que os falsos crentes e os falsos mestres, também chamados de anticristos, mostravam com isto sua falsidade religiosa. Era um claro sinal de quem era de Cristo e de quem não era. Duas lições estão implicadas e diretamente ligadas uma a outra.

Primeiramente, que os discípulos conhecem a verdade doutrinariamente, ou seja, sabem os fundamentos, neste caso da cristologia, e são conscientes das implicações disto. A humanidade de Cristo valida seu sacrifício redentor. Um homem perfeito foi dado a Deus como oferta pela culpa de toda a humanidade para perdão dos pecados. Este mesmo homem viveu uma vida de tal excelência e perfeição que o mesmo deve ser procurado por todos. Além disto, resistir a qualquer ensino contrário evita a influência destruidora de ensinamentos contrários.

Em segundo lugar, e intimamente ligado ao primeiro, só é capaz de reconhecer o falso quem conhece bem o verdadeiro. Os discípulos estão sujeitos a interferências humanas e diabólicas que procuram transtornar a verdade de Deus em todo o tempo.

Este relacionamento íntimo com o pai e este conhecimento da verdade dá aos discípulos o legado da apologética, ou seja, da defesa da fé em dois âmbitos: do testemunho pessoal e do debate de ideias. Mais à frente veremos como os discípulos de Cristo defenderam sua fé e seu testemunho ao longo da história.

1.1.6.4. Aqueles que receberam unção

1João 2.27: Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensine; mas, como a unção dele recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nele como ele os ensinou.

A unção existe desde tempos remotos na narrativa bíblica. Sacerdotes eram ungidos. Reis eram ungidos. A unção fazia parte da cerimônia de posse e de reconhecimento da autoridade, além da transferência de poder a uma autoridade ou liderança. A unção hoje, depois do derramamento do Espírito Santo, é feita pelo próprio Espírito, ou seja, aqueles que têm o Espírito são ungidos por Deus.

O Outro Consolador e a habitação do Espírito nos crentes fazem parte das promessas cumpridas por Jesus. Nós lemos, sobretudo nas cartas paulinas, que o Espírito concede dons além de levar os crentes a operarem funções sobrenaturais em sua essência.

Aqui João parece fazer referência às promessas antigas feitas pelos profetas que afirmavam que haveria um tempo em que a Palavra de Deus estaria gravada no coração de seu povo (Ez 11.19-20), já que afirma que os discípulos são pessoas que não precisam ser ensinadas, mas que aprendem por ser habitação do Espírito.

Esta afirmação deve ser melhor investigada. Como seria um a igreja ou uma geração de crentes que não precisam ser ensinados? Como ficam os dons ligados ao cuidado e ensino tão ensinados e fortalecidos na igreja em todos os tempos?

Primeiramente, vemos no final do verso supracitado que os crentes já foram ensinados por Ele, Jesus. Então, no primeiro sentido é uma advertência de que aqueles crentes não aceitassem qualquer ensino que, parecendo bom e novo, contrariasse o que eles já tinham aprendido e ouvido acerca do próprio Jesus, sendo possível que alguns daqueles destinatários tenham sido testemunhas oculares de Jesus. É um argumento que o próprio apóstolos Paulo, mas com ênfase ainda maior, usou com os gálatas por ocasião dos ensinamentos da circuncisão (Gl 1.8).

Em segundo lugar, João está tratando também de discernimento espiritual, ou seja, da capacidade de comparar as coisas. Os discípulos aprendem a reconhecer o bem e o mal. É provável que naquela igreja muitos estivessem sendo levados pela aparente beleza, e até pela rigidez dos novos ensinamentos, além da aparência e discurso dos próprios pregadores de ideias falsas, coisa que já ocorrera, por exemplo, na igreja que Timóteo pastoreava (2Tim 3).

Dos discípulos de Cristo é esperado discernimento e que não se entreguem a novidades.

1.1.6.5. Aqueles que se purificam

1João 3.3: Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro.

Pureza e santidade não são mais assuntos da moda. Há um lado bom nisto porque geralmente se entende que pureza e santidade impliquem, necessariamente, em uma rigidez de comportamento que, não necessariamente, purifiquem e santifiquem o seu praticante. Assim como acontece com qualquer cultura que também adapta os conceitos de acordo com sua cosmovisão, muitas vezes tratamos a santidade e a pureza apenas do ponto de vista da indumentária e do vocabulário, quando pode ser algo muito além.

Santidade e pureza não podem, de forma alguma, serem discutidas a parte o pecado. São grandezas inversamente proporcionais. Guerreiam e disputam entre si. Os primeiros cristãos viveram em tempo de grandes tensões, entre diversas culturas e pressionador por todos os lados.

Um dos seus desafios eram os próprios judeus, tanto judaizantes dentro da igrejas cristãs quanto os opositores diretos do cristianismo. Por um lado eram pressionados a cumprir práticas que, em Cristo, perderam seu valor porque eram apenas sombras do que havia de vir (Cl 2.7, Hb 8.5, p. ex.). Por outro eram pressionados como hereges e como praticantes de uma religião falsa, um culto idólatra a um homem e acusados até de ateísmo ou de politeísmo, afinal, afirmavam que Jesus era Deus também.

Outro desafio eram os próprios gregos e romanos, além de outros povos dominados, mas que conservavam sua cultura e hábitos. A vida nas grandes cidades gregas e romanas se constituíam de um desafio a parte para os cristãos. Existiam várias correntes de pensamento filosófico e de comportamento. Muita

licenciosidade e violência faziam parte do dia a dia do Império Romano. A vida não era fácil em um ambiente altamente vigiado e de cosmovisões tão conflitantes⁵.

Não se contaminar não significa apenas negar os costumes, mas compreender estes costumes e então refutá-los com a própria vida. Significa ser capaz de discernir as mais variadas visões com suas origens e finalidades para então combatê-las.

Aquele que se purifica não segue apenas um modismo ou ditame universalista de valores, mas os compreende e vive tal qual deseja seu Senhor.

1.1.6.6. Aqueles capazes de discernir os espíritos

1Coríntios 2:14-16: Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente. Mas quem é espiritual discerne todas as coisas, e ele mesmo por ninguém é discernido; pois "quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?" Nós, porém, temos a mente de Cristo.

1João 4.1-3: Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo.

Discernimento é um dom espiritual que dá ao que o possui uma capacidade superior de identificar espíritos imundos e o Espírito de Deus, mas assim como o dom de profecia, é esperado que todo crente seja capaz de saber a diferença entre o certo e o errado, entre o santo e o profano, entre o que é de Cristo ou do diabo. No tempo

⁵ Os judeus eram vistos como grandes exorcistas por dominar a pronúncia correta de Yahweh. O gnosticismo ganha força nesta época por causa das ideias dualistas de matéria e espírito, mas só parece surgir como um corpo organizado a partir do século II, pelo que parece mostrar Nag Hammadi descoberta nos anos de 1940. A ressurreição do corpo humano era abominável. O problema do homem não é o pecado, mas a falta de conhecimento. Conhecimento de doutrinas e senhas secretas. Filosoficamente havia as seguintes divisões: a) Epicurismo – o bem da vida está nos prazeres; b) Estoicismo – diz que o bem da vida está em aceitar a própria sorte; c) Cinismo – que a vida deve ser voltada a toda forma de simplicidade; d) Ceticismo – dúvida e aceitação de qualquer sistema que estivesse predominando. De um modo geral o ambiente era pessimista, com muitas superstições por meio de magias e grande apego aos signos do horóscopo (ver Gundry, página 80).

de João, havia um teste a ser aplicado: reconhecer que Cristo veio em carne. Quem negasse não era espiritual.

Ainda hoje há exorcismos que recorrem erroneamente a este recurso. Os desafios de hoje são outros. Estamos envoltos em muitas doutrinas, muitos costumes e o cristianismo é vítima como nunca de um sincretismo sem precedentes. Não é muito difícil identificar elementos do espiritismo, da bruxaria, do catolicismo e, até velhas heresias como o *marcionismo*⁶, ainda insistem em reaparecer. João ainda acrescenta a informação do espírito presente daquele que é contra Cristo, ora pregando mentiras, ora o desmerecendo, ora se fazendo passar por ele, ora se apresentando como uma alternativa melhor.

⁶ De características gnósticas, tinha base no cristianismo ligado à tradição paulina. Simplificou as cerimônias dos primeiros cristãos, praticando uma moral severa, com interdição ao casamento, jejuns rigorosos, preparação para o martírio e fraternidade austera. O seu corpo doutrinário partia da oposição entre Justiça e Amor, Lei e Evangelho. Rejeitava o Antigo Testamento como ultrapassado, anunciando um cristianismo autêntico baseado na contradição entre dois deuses: O Deus da Lei, o Demiurgo, que seria o deus do Velho Testamento; e o Deus do Amor, como revelado por Jesus Cristo. Marcião acreditava no mesmo dualismo que os gnósticos a respeito do mundo material, no sentido que a matéria é antagônica do bem e que, portanto, o deus criador do ser humano, o “demiurgo”, é limitado e mau, pelo que sua criação material também deveria ser má. Todavia, é importante ressaltarmos que Marcião não era gnóstico, embora certamente tenha tido contato com as ideias gnósticas. Pelo sistema de Marcião, o ser humano era criação do Deus da Lei, o deus do Velho Testamento judaico, severo e cheio de ira. Este Deus concedeu ao ser humano uma lei impossível de cumprir e, por isso, o ser humano viveria sob uma maldição. Mas o Deus Primeiro da Bondade, o Ser Primeiro, tivera piedade do ser humano e mandara seu filho, Jesus Cristo, para salvar a humanidade. Essa manifestação do Deus Primeiro seria um Cristo docético, não feito de carne e sangue, mas puramente espírito, não estando submetido ao nascimento ou a morte. Ele se vestira com a forma de um homem de 33 anos de idade, que o demiurgo fez com que fosse crucificado - por causa disso, seguindo o destino do Salvador, os cristãos deveriam sofrer perseguições para merecerem a libertação no fim dos tempos, quando o deus do Amor finalmente os libertaria da ferocidade da Lei e da Matéria. Porém, Cristo uma vez tendo ressuscitado acusou o demiurgo de agir contra sua própria lei e, por causa disso, o demiurgo foi obrigado a entregar ao Deus Bom as almas dos redimidos que tinham morrido. Com a finalidade de atrair estes bons para si, o Deus Bom criou Paulo, o único que entendia a doutrina tanto do Deus do Amor quanto do Deus da Lei, sendo também o único que compreendia a antítese entre o Velho Testamento e o Novo Testamento e entre o Deus da Lei e o Deus do Amor. Alguns chegaram a julgar que os marcionistas eram antissemitas. A palavra marcionismo é mesmo por vezes usada para referir as tendências antijudaicas nas igrejas cristãs. A razão para este ressentimento contra os judeus tem a ver com o contexto em que surgiu. Em Roma, naquele tempo, os romanos lembravam-se ainda das guerras romano-judaicas - a primeira entre 66 e 73, que levou à queda do segundo Templo; a segunda sendo a revolta de Kito (115-117) e a terceira (132-135) a de Simão bar Kokhba (ver Messias). Consequentemente, os judeus eram muito impopulares, muitos eram escravos no Império Romano e eram inclusive atirados aos leões no Coliseu de Roma.

O discernimento espiritual também é acompanhado por conhecimento e sabedoria. O conhecimento é adquirido por leitura, reflexão, experiência e ajuda de outros. A sabedoria é o reflexo deste conhecimento aplicado à vida.

Paulo e Silas foram seguidos de perto por uma mulher jovem que afirmava uma verdade: eles eram servos do Deus vivo (At 16.17). Não demorou para que percebessem que se tratava de um espírito imundo. O que queria? Derrubá-los pelo orgulho? Desviar a atenção das pessoas da mensagem que pregavam para eles mesmos? É bem provável que fosse um pouco de tudo isto.

Dissimuladamente, Satanás está sempre mudando suas estratégias e desviando o foco da mensagem evangélica para heresias, para homens, para mentiras, para igrejas e para doutrinas. O dom de discernir espíritos ajuda o discípulo a manter o foco em Cristo. O discernimento que todo discípulo deve ter o mantém firme no caminho de Cristo.

1.1.6.7. Aqueles que têm a vida eterna

1 João 5.13: Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna.

As abemos que a vida eterna é conhecer a Deus e a Cristo. Entendemos que a Vida Eterna já está se desenvolvendo na vida daqueles que temem a Jesus e seguem seus mandamentos. João afirma que aqueles que são de Cristo devem saber disto, já que esta vida eterna é produzida por Cristo em nós e não por nossa força e fidelidade.

A expressão traduzida do grego para o português esconde, em português, uma dimensão importante desta vida, a qualidade, já que a quantidade está naturalmente expressa – eterna. Em certo sentido, é a realização da vida plena prometida por Cristo para quem nele cresse (Jo 10.10), em claro contraste às ações do inimigo.

As implicações da presença da Vida Eterna nos discípulos são muitas. Primeiramente é a segurança da imortalidade da alma diante de Deus sobre a qual

muitos no passado apoiaram seu testemunho mantendo-se fiéis a Deus. A fidelidade dos homens é diretamente aos seus anseios e seguranças a respeito do céu.

Em segundo lugar é uma base sobre a qual a verdadeira espiritualidade cristã deve se apoiar já que é a medida exata do nosso real pertencimento, ou seja, somos cidadãos do céu e não da terra. Esta espiritualidade não está desconectada da terra e nem cai na falácia gnóstica de que matéria é maldita ou de natureza inferior, já que cremos que foi criada por Deus, mas sabe que a vida com Cristo será superior.

Em terceiro lugar é a garantia da comunhão com Deus e seu filho Jesus. Eles habitam em nós e somos sua possessão.

1.1.6.8. As sete igrejas do Apocalipse e suas lutas e desafios

Vamos destacar a luta e as palavras dirigidas a cada uma no sentido de se manterem fiéis, voltarem ao caminho ou de perseverarem nas lutas.

A igreja de Éfeso é a primeira a qual as cartas são endereçadas. Os pré-milenistas dispensacionalistas costumam enxergar nesta sequência uma descrição de sete fases totais da igreja até sua consumação já que o perfil de cada igreja parece piorar até Laodicéia, que seria uma igreja apóstata. No entanto, seus desafios, infidelidades e imperfeições são compatíveis com os desafios da época e nos ajudam também.

Éfeso – nunca abandone os fundamentos e a simplicidade

Apocalipse 2.1-7: Ao anjo da igreja em Éfeso escreva: Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro. Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos, mas não são, e descobriu que eles eram impostores. Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome, e não tem desfalecido. Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do seu lugar. Mas há uma coisa a seu favor: você odeia as práticas dos nicolaítas, como eu também as odeio. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus.

A fundação e os desafios do Apóstolo Paulo ao chegar em Éfeso lemos em Atos 19. Paulo sofreu forte resistência e por pouco não participa de um grande tumulto que poderia ter custado sua vida. Lugar de intensa idolatria que alimentava a alma e o bolso dos efésios. No entanto, uma das igrejas mais espirituais do mundo antigo é fundada ali. A maneira como Paulo se refere aos efésios em sua carta é impressionante. Ele fala de suas bênçãos espirituais, da salvação pela fé, de seus dons e de como devem ser como família. A linguagem é elevada e as exigências são pesadas. O tom da carta aos efésios é muito diferente da carta escrita aos coríntios, por exemplo.

Os efésios são uma igreja que trabalha duro, que sabe quem são os falsos apóstolos e que suporta fielmente o seu próprio sofrimento. No entanto, abandonaram as primeiras obras e caíram do primeiro amor.

Suspeitamos que a igreja de Éfeso tenha crescido muito e abandonado os fundamentos e suas primeiras obras quando ainda eram novos crentes em uma nova igreja. Ninguém deve imaginar que o ensinamento apostólico elogie quem ainda vive como novo convertido, mas que há fundamentos e coisas que se faz enquanto ainda se está iniciando a vida cristã: a simplicidade no trato com todas as pessoas, a fé simples e de grande entrega pessoal, a disposição para servir e o desejo de compartilhar da fé com todas as pessoas. São valores que, infelizmente, com o crescimento e o amadurecimento cristão, podem ser abandonados.

Discípulos são pessoas que sempre crescem, mas sem nunca abandonar os fundamentos da vida cristã e a simplicidade que é exigida de todo discípulo.

Esmirna – a pobreza que enriquece

Apocalipse 2.8-11: Ao anjo da igreja em Esmirna escreva: Estas são as palavras daquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver. Conheço as suas aflições e a sua pobreza; mas você é rico! Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus, mas não são sendo antes sinagoga de Satanás. Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. Saibam que o diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte.

A igreja de Esmirna não parece ter um defeito que lhe coloque em situação difícil, mas tem uma visão enganada a respeito de si mesma: acha que é pobre e que sua pobreza lhe será um empecilho e motivo de grande derrota.

A igreja de Esmirna é a que nos ensina a não confiar nas riquezas materiais para ter sucesso neste mundo conturbado que jaz no maligno. A igreja de Esmirna tem um paralelo muito intenso com a igreja macedônica em 2Coríntios 8-9 que foi pronta e insistente em enviar ofertas aos cristãos de Jerusalém, mesmo sendo muito pobres.

Não bastasse sua pobreza, seriam traídos por falsos judeus e depois lançados na prisão, mas deveriam suportar com coragem, já que Cristo é aquele que morreu e ressuscitou.

Os discípulos devem, por meio da fé e do exemplo de Cristo, aprender a não confiar nos recursos materiais para servir a Deus, o recurso do discípulo é a própria fidelidade.

Pérgamo - fidelidade no meio da perversidade

Apocalipse 2.12-17: Ao anjo da igreja em Pérgamo escreva: Estas são as palavras daquele que tem a espada afiada de dois gumes. Sei onde você vive, onde está o trono de Satanás. Contudo, você permanece fiel ao meu nome e não renunciou à sua fé em mim, nem mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha, foi morto nessa cidade, onde Satanás habita. No entanto, tenho contra você algumas coisas: você tem aí pessoas que se apegam aos ensinamentos de Balaão, que ensinou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, induzindo-os a comer alimentos sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual. De igual modo você tem também os que se apegam aos ensinamentos dos nicolaítas. Portanto, arrependa-se! Se não, virei em breve até você e lutarei contra eles com a espada da minha boca. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe.

Quando lemos o livro de Números temos a ideia de que a história de Balaão está apenas entre os capítulos 22-24, mas não nos damos conta que, a idolatria e imoralidade sexual descrita no início do capítulo 25, têm relação direta com as ações de Balaão. Ele não conseguiu amaldiçoar Israel, mas conseguiu colocar tropeços por meio dos homens infiéis.

Aqui Jesus compara o tropeço dos nicolaítas ao tropeço colocado por Balaão, já que de igual modo os crentes cederam e passaram a seguir os ensinamentos dos nicolaítas. Tudo leva a crer que os nicolaítas eram uma seita, ou seja, um grupo de pessoas que seguia certas doutrinas que misturavam alguns tipos de ensinamentos bíblicos com outros totalmente contrários a Bíblia. Apocalipse 2.14 pode nos indicar que os principais ensinamentos dos nicolaítas estavam ligados a cultos a ídolos, atrelados a práticas sexuais com objetivo de cultuar divindades (algo muito comum na antiguidade pelos pagãos)⁷.

Uma informação é chocante: a igreja está na cidade do Trono de Satanás. É, certamente, um lugar de grande idolatria, opressão maligna e de confusão e perseguição a cristãos. Uma cidade que jaz no maligno.

Assim como os crentes de Pérgamo, os discípulos são encorajados a se manter firmes no meio de um ambiente confuso, idólatra e sob intenso ataque inimigo.

Tiatira – tolerar nem sempre é o melhor caminho

Apocalipse 2.18-29: Ao anjo da igreja em Tiatira escreva: Estas são as palavras do Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente. Conheço as suas obras, o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e sei que você está fazendo mais agora do que no princípio. No entanto, contra você tenho isto: você tolera Jezabel, aquela mulher que se diz profetisa. Com os seus ensinamentos, ela induz os meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender. Por isso, vou fazê-la adoecer e trarei grande sofrimento aos que cometem adultério com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica. Matarei os filhos dessa mulher. Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e

⁷ O contexto no qual essa passagem aparece é aquele da comunidade de Éfeso e de Pérgamo, duas das 7 igrejas às quais é escrita uma carta em Apocalipse. Portanto, trata-se de uma doutrina/heresia presente em Éfeso e Pérgamo, por volta do ano 90 depois de Cristo. Contudo, hoje não conhecemos mais as características de tal heresia e podemos falar apenas baseados em poucos dados concretos. Quanto ao fundador, por exemplo, Irineu (140-200 depois de Cristo) diz que quem fundou tal heresia foi o diácono Nicolau (um dos 7 escolhidos em Atos dos Apóstolos 6). Eusébio de Cesaréia, um século mais tarde, invés, contesta tal afirmação. Quanto à sua prática, a partir do Apocalipse não conseguimos detectar claramente quais eram as ações específicas. A maioria dos estudiosos fala em tentativa de introduzir na práxis cristã elementos do paganismo. Quais eram esses elementos, porém, não sabemos. Alguns ligam o movimento à práticas sexuais errôneas, mas creio que isso acontece por influência da história da Idade Média. De fato, naquele período, os religiosos que não observavam o celibato eram chamados de "nicolaítas". Contudo, a Idade Média e o início do cristianismo são duas realidades distantes uma da outra. (Fonte: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=415>).

corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras. Aos demais que estão em Tiatira, a vocês que não seguem a doutrina dela e não aprenderam, como eles dizem, os profundos segredos de Satanás, digo: não porei outra carga sobre vocês; tão-somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm, até que eu venha. Àquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações. "Ele as governará com cetro de ferro e as despedaçará a um vaso de barro". Eu lhes darei a mesma autoridade que recebi autoridade de meu Pai. Também lhe darei a estrela da manhã. Àquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

A mensagem à igreja de Tiatira é uma das mais relevantes para o nosso tempo em que falamos do politicamente correto e pouco a pouco a igreja brasileira vai se rendendo a uma lei que amordaça os cristãos. Estamos sob o legado da tolerância total, que é uma das faces mais cruéis da permissividade pecaminosa.

Jezabel aqui é uma metáfora para Roma ou para o Império Romano que seduz os seus moradores, entre eles os próprios cristãos. Os cristãos estão divididos em Tiatira: os que seguiram os ensinamentos ou se calaram e os que resistiram. Infelizmente, até mesmo os cristãos enfraquecidos ou mal preparados podem ser um empecilho da vida da igreja. Há desafios em se manter fiel mesmo quando estamos entre discípulos.

Um elemento importante surge aqui: o papel do discípulo na cidade e do confronto contra os sistemas mundanos. Não estamos apenas em confronto direto com pessoas e contra o maligno, mas também contra as estruturas humanas representadas por governos, leis e até por decisões políticas que vão contra a vontade de Deus.

Temos assistido nos últimos anos um maior envolvimento e maior necessidade de informação política por parte de cristãos, sobretudo jovens, em parte pelo crescimento do conservadorismo e do calvinismo. Isto implicou na participação em passeatas e maiores manifestações nas redes sociais. Estes esforços são válidos, mas temos que atentar para alguns fatores.

A tarefa da igreja só pode ser feita pela igreja. O trabalho de um cristão só pode ser feito por um cristão. Os discípulos, como vimos, têm tarefas e preocupações particulares e que o mundo jamais terá em sua agenda. É fato que a

aproximação exagerada poderá levar a acordos e compromissos que podem entrar em atrito com os princípios do cristianismo. Portanto, todo cuidado é pouco.

Sardes – você está vivo ou morto?

Apocalipse 3.1-6: Ao anjo da igreja em Sardes escreva: Estas são as palavras daquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas. Conheço as suas obras; você tem fama de estar vivo, mas está morto. Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer, pois não achei suas obras perfeitas aos olhos do meu Deus. Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrependa-se. Mas se você não estiver atento, virei como um ladrão e você não saberá a que hora virei contra você. No entanto, você tem aí em Sardes uns poucos que não contaminaram as suas vestes. Eles andarão comigo, vestidos de branco, pois são dignos. O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai e dos seus anjos. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Já com a igreja de Sardes o ânimo de Jesus parece arrefecer. Eles parecem agir e ter obras que, pelo menos a olhos nus, são obras cristãs. Mas Jesus os chama de mortos já que suas obras não são perfeitas. Muitas coisas podem ser ditas a respeito de uma obra imperfeita.

Paulo, quando escreve aos Coríntios na primeira carta no capítulo 3.11-15, ele fala do valor das obras de cada um no dia do julgamento dos crentes e como isto lhes pesará na conta, ainda que não implique em perda de salvação, mas em *salvação como que pelo fogo*. Mais do que realizar as obras, os discípulos são chamados a fazê-las integralmente: corpo e alma. No Sermão do Monte Jesus nos ensinou a respeito do que pensamos, sentimos e até da maneira como refletimos como sinal daquilo que somos. Não é apenas uma chamada à sinceridade⁸, já que a sinceridade pode existir juntamente com o erro, mas que sejamos verdadeiros e sintonizados com a vontade de Deus. Jesus promete vir de sobressalto como um ladrão para punir aqueles que são falsos.

Também para os sinceros, mas errados, é exigido arrependimento e conversão dos maus caminhos e dos erros.

⁸ O livro ***Sincero, mas errado***, foi escrito pelo Dr. Martyn Lloyd-Jones em 1951. Ele trata da tensão entre o avanço tecnológico e o fato de que o homem continua imoral, longe de Deus e vazio. De fato, as pessoas confundem o avanço da tecnologia com o avanço da humanidade, quando na verdade, a podridão da vida espiritual humana é cada vez mais evidente.

Discípulos não podem se iludir. Além de agir e trabalhar duro, devem também analisar constantemente as intenções do coração, suas motivações e sobre quais fundamentos tem agido.

As igrejas são pródigas de pessoas que gostam e buscam aplausos constantemente. Alguns agem como cristãos, mas visando o lucro. Tanto os antigos profetas como o apóstolo Paulo, advertem contra ambos os erros.

Assim, João nos ajuda, mais uma vez, a pensar em nossas ações e em nossos corações como discípulos.

Filadélfia – força na fraqueza, guardados e protegidos por Cristo

Apocalipse 3.7-13: Ao anjo da igreja em Filadélfia escreva: Estas são as palavras daquele que é santo e verdadeiro, que tem a chave de Davi. O que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir. Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome. Vejam o que farei com aqueles que são sinagoga de Satanás e que se dizem judeus e não são, mas são mentirosos. Farei que se prostrem aos seus pés e reconheçam que eu ameie você. Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da prova que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra. Venho em breve! Retenha o que você tem, para que ninguém tome a sua coroa. Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu da parte de Deus; e também escreverei nele o meu novo nome. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

A igreja da Filadélfia também não é uma igreja apóstata ou ruim, mas se considera fraca e pouco capaz de resistir às perseguições. Três coisas são importantes em Filadélfia.

A primeira é que é uma igreja deve aprender a confiar em Jesus porque já descobriu sua própria fraqueza. De fato, todo discípulo consciente de Cristo e de si mesmo, jamais se apoia em sua própria força e jamais confia nas próprias ideias e nas próprias experiências. A segunda é que há uma promessa de que eles serão honrados por Cristo diante de seus inimigos quando serão postos de joelhos. A terceira é de que, se guardarem a Palavra de Deus em seus corações, serão preservados no dia da grande provação. É certo que muitos de nós, como já em

todos os tempos da história da igreja, não seremos poupados (como muitos já não foram) quando vierem os dias maus. Muitos, inclusive, glorificarão a Cristo exatamente por passarem fiéis e com suas fés intocadas, ainda que seus corpos não, no dia da calamidade.

Laodicéia

Apocalipse 3.14-22: Ao anjo da igreja em Laodicéia escreva: Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus. Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente. Melhor seria que você fosse frio ou quente! Assim, porque você é morno, nem frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca. Você diz: Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu. Dou-lhe este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar. Repreendo e disciplino aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se. Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo. Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono. Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Chegamos, finalmente, a uma igreja apóstata e verdadeiramente infiel. Jesus foi colocado para fora desta igreja e agora pede para entrar novamente. Laodicéia é uma igreja muito rica. Estrategicamente situada, também conta com a própria natureza a seu favor. No entanto, negocia a sua fé e o culto ao Imperador para que não perca seus privilégios e riqueza. Esta é uma igreja rica materialmente, mas pobre espiritualmente, ao contrário de algumas citadas anteriormente. No entanto, é uma igreja que ainda tem a chance de se voltar, de se arrepender e de se voltar de fato para Cristo, permitindo que Ele retome o senhorio da Igreja.

Laodicéia, entretanto, é uma igreja amada por Cristo e, por isto mesmo, está sendo repreendida por Ele. Este é um ensino importante. Quando nos desviamos e nos contaminamos com o mundo, poderemos ser repreendidos por Jesus.

1.2. Os discípulos dos apóstolos

Agora, faremos uma pequena reflexão sobre os relacionamentos de discipulado dos apóstolos conforme apresentado na Bíblia. Faremos destaque dos principais casos.

Poderíamos deduzir muitos destes relacionamentos, mas procuraremos discutir aqueles que são mais claros e evidentes.

1.2.1. Os discípulos de João Batista se tornam discípulos de Cristo

João 1.29: No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

João 3.30: É necessário que ele cresça e que eu diminua.

João Batista é chamado por Jesus como o maior homem nascido de mulher, tendo em seu enalço homens como Jó, Moisés, Samuel, Davi, Daniel entre outros. Ele era aquele que Deus levantara para preparar o caminho do Messias. Quando Jesus surgiu, quatro momentos se tornam simbólicos e importantes na relação dos dois. Primeiramente quando o próprio João Batista reconhece que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). O segundo momento é quando o próprio João afirma que Jesus deve crescer enquanto ele diminuía (Jo 3.30). O terceiro momento acontece no batismo de Jesus quando João Batista tenta recusar batizar Jesus e este exige dele que tudo seja cumprido como deve (Mt 3.13-17). O quarto momento é quando João Batista envia alguns de seus discípulos para momento saber se Jesus era o Messias esperado (Mt 11.1-6). Jesus, nesta ocasião, dá um sim retumbante ao testemunhar dos milagres da do poder da mensagem que pregava, mudando vidas e implantando o Reino de Deus. João reconhecia a divindade de Cristo, seu papel messiânico e a necessidade de que todos o seguissem.

Era de se esperar que, com a indicação de Jesus como Messias, alguns dos discípulos de João já seguissem Jesus imediatamente, como João, autor do Evangelho, e André (Jo 1.40), por exemplo. Era de se esperar também que muitos do que foram discípulos de João Batista, se tornassem discípulos de Jesus assim que recebessem a mensagem da boa nova que o Messias chegara (At 19. 1-5 no caso dos discípulos de Éfeso⁹). Comparações também foram feitas entre os discípulos de Jesus e os discípulos de João (Mc 2.18), já que os discípulos de João

⁹ Depois veremos que algo parecido aconteceu em Corinto com um discípulo de João chamado Apolo. Desta vez foram Áquila e Priscila que lhe deram a orientação correta e o evangelizaram apresentando Jesus.

pareciam viver uma vida mais austera que dos discípulos de Jesus. Após a morte de João Batista por decapitação, alguns chegam a confundir os dois (Mc 8.28).

Esta proximidade, as semelhanças e as coincidências, longe de confundir a vida dos discípulos de João Batista, foram cruciais para que seus discípulos não confundissem Jesus com quaisquer outros falsos *messias da época*, já que havia muitos impostores, aproveitadores e lunáticos e, acertadamente, reconhecessem Jesus como enviado de Deus e passassem a segui-lo.

João executou seu papel com todos os detalhes: apontou, através de sua vida, para Jesus.

1.2.2. Barnabé e João Marcos - alguém precisa apoiar

Atos 15. 36-41: Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: "Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo". Barnabé queria levar João, também chamado Marcos. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé, levando consigo Marcos navegou para Chipre, mas Paulo escolheu Silas e partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. Passou, então, pela Síria e pela Cilícia, fortalecendo as igrejas.

2Timóteo 4.11: Só Lucas está comigo. Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério.

João Marcos acaba recebendo destaque na Bíblia no primeiro momento por um destaque negativo. Sua recusa em estar com Paulo e Barnabé gerando uma briga entre os dois que causou sua divisão. No entanto, como sabemos, o quadro é outro depois de alguns anos. Com a missão muito clara de pregar o Evangelho, homens como Paulo e Barnabé viajaram o mundo antigo pregando e para isto contavam com companheiros e ajudadores. A segunda metade do livro de Atos registra quatro viagens realizadas por Paulo: três comumente conhecidos como suas viagens missionárias, e mais uma viagem, de Jerusalém a Roma via Cesaréia, na qual Paulo foi levado como prisioneiro para uma série de julgamentos.

Na história da primeira viagem (At 13-14), encontramos João Marcos (ou apenas Marcos), um jovem, parente de Barnabé (Cl 4.10). Marcos acompanhou Paulo e Barnabé quando partiram de Antioquia da Síria e passaram pela ilha de

Chipre, no Mediterrâneo. Ele continuou com esses evangelistas experientes na viagem de Chipre à Ásia Menor. Quando a viagem ficou mais difícil e perigosa, porém, Marcos abandonou os outros dois e voltou para Jerusalém. Paulo e Barnabé perseveraram, apesar de severas perseguições que levaram ao apedrejamento do apóstolo em Listra. Completaram esta fase do seu trabalho, deixando na região, vários novos convertidos organizados em igrejas locais. Voltaram para Antioquia da Síria e, depois, viajaram para Jerusalém para ajudarem a corrigir um mal-entendido doutrinário (Atos 15). Quando Paulo e Barnabé se preparavam para uma segunda viagem, Paulo recusou levar Marcos. Ele não sentiu confiança no jovem, e escolheu outro irmão, Silas, como ajudante (At 15.36-41). Naquele momento, Marcos foi inútil para Paulo. Barnabé deu uma segunda chance para Marcos, levando-o na sua viagem para Chipre. Ele achou melhor trabalhar mais com esse jovem, esperando que fosse útil para o Senhor. Como o relato de Atos segue a viagem de Paulo, e não a de Barnabé, nós não temos detalhes do trabalho feito por Barnabé e Marcos. Temos apenas alguns indícios dos resultados da paciência de Barnabé no seu trabalho com esse jovem.

João Marcos escreveu um dos relatos da vida de Jesus, o evangelho segundo Marcos. Anos mais tarde, o próprio apóstolo Paulo escreveu: “Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério” (2 Timóteo 4:11). O mesmo apóstolo que não confiava no jovem Marcos depois do problema do seu procedimento na primeira viagem chegou a pedir a sua ajuda no final da sua vida. É provável que ele tenha crescido e amadurecido tornando-se digno da confiança do apóstolo.

As controvérsias e desentendimento podem acontecer em qualquer grupo humano, mesmo em se tratando de pessoas maduras e tão envolvidas no ministério como eram Paulo e Barnabé. Barnabé mostrou discernimento, paciência e sabedoria ao se manter com João Marcos e, com certeza, tê-lo ensinado muitas coisas, ainda que a Bíblia, a partir dali, só mostre a vida do apóstolo Paulo.

É necessário que os discípulos desenvolvam uma relação de confiança, cumplicidade e apoio para que o discipulado não se perca. Foi o que Barnabé fez com João Marcos.

1.2.3. Uma discípula chamada Dorcas¹⁰

Atos 9.36-43 "Havia em Jope uma discípula por nome Tabita, que traduzido quer dizer Dorcas, a qual estava cheia de boas obras e esmolas que fazia. Ora, aconteceu naqueles dias que ela, adoecendo, morreu; e, tendo-a lavado, a colocaram no cenáculo. Como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, enviaram-lhe dois homens, rogando-lhe: Não te demores em vir ter conosco. Pedro levantou-se e foi com eles; quando chegou, levaram-no ao cenáculo; e todas as viúvas o cercaram, chorando e mostrando-lhe as túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas. Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pôs-se de joelhos e orou; e voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. Ele, dando-lhe a mão, levantou-a e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-a viva. Tornou-se isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor. Pedro ficou muitos dias em Jope, em casa de um curtidor chamado Simão".

Dorcas é chamada de discípula e sua vida é uma fonte de grandes ensinamentos para hoje em dia. Dorcas morava em Jope, uma cidade situada na costa do Mediterrâneo, que na época era o principal porto da Palestina (comparar com Jonas 1.3 e Atos 10.5-8). Havia uma igreja cristã em Jope e é possível que os crentes se reunissem para o culto na casa de Dorcas. Naqueles dias era esse o costume como vemos, por exemplo, em Atos 12.12 e Romanos 16.5.

O versículo 36 nos diz que o seu nome em aramaico era Tabita, mas em grego era Dorcas, que significa "antílope" ou "gazela" (um animal muito gracioso). Um escritor diz que "o nome dela está na Bíblia como símbolo de Naftali (Gn 49.21), aquele que profere palavras formosas; então, como suspirando pelas correntes das águas, buscando tudo em Deus (Sl 42.1), e como ligeiro de pés (2Sm 2.18), e assim, saltando (Is 35.6); expressivo também de terno amor (Provérbios 5.19); da beleza da forma (Ct 2.9), e como frutífero através da voz do Senhor (Sl 29.9)". Os nomes, principalmente neste caso, indicam características muito importantes na vida de uma pessoa. Dorcas servia as pessoas e era encantadora em seu jeito de ser e isto era um dos sustentáculos da igreja. Dorcas dedicou sua vida a fazer boas ações e por isto foi chamada de discípula.

O versículo 36 nos diz que ela *"ela era notável pelas boas obras e esmolas que fazia"* E no versículo 39 nos é dito sobre o ministério específico que ocupava muito do seu tempo - *"ela fazia túnicas e vestidos..."* Uma agulha é uma coisa muito

¹⁰ Extraído de <http://www.opregadorfiel.com.br/2013/04/dorcas-cheia-de-boas-obras.html>

pequena, e a capacidade de usá-lo é bastante comum hoje em dia, mas aqui é um ministério aceitável ao Senhor e que trouxe muito conforto e alívio para os Seus filhos. Observe que ela era uma senhora que estava cheia de boas obras e aqui está uma lição muito importante. Ninguém pode ser salvo pelas obras, como aprendemos em Efésios 2.8-9 e Tito 3.5, mas a obrigação de cada pessoa salva é ser como Dorcas, fazer boas obras; olhar Efésios 2.10. Compare os dois seguintes dizeres fiéis: o primeiro salienta que a salvação nos é dado sem pratica das obras, mas o segundo enfatiza que o resultado e as provas de ser salvo é fazer boas obras (1Tim 1.15, Ti 3.8). Quando Dorcas morreu, lemos que:

- a) Algumas das mulheres trabalharam por lavar o corpo e colocando-o em uma sala superior – v. 37;
- b) Dois homens não identificados trabalharam indo em uma missão a Lida para trazer Pedro – v. 38,
- c) Ele entrou e exerceu um ministério especial de fé e oração – v.39-41,
- d) As viúvas também agiram, v. 39.

“Então Pedro orou a oração da fé, e Dorcas foi ressuscitada dentre os mortos”- sua abordagem de toda esta situação é mais instrutiva, pois nos dá uma lição sobre como buscar a restauração de almas mortas, daqueles que estão "mortos em delitos e pecados" - olhar para Efésios 2:1. Pedro mandou todos para fora da sala (versículo 40). Só Deus podia restaura-la, então Pedro deveria ficar sozinho com Ele. Pedro ficou de joelhos e orou (versículo 40). Reverência, sinceridade, seriedade - a oração da fé (Tg 5.13-18. Pedro falou com Dorcas (v. 40) em busca da restauração de almas, devemos testemunhar (Jó 22.29, Salmo 107:2). Pedro ajudou Dorcas e mostrou simpatia (versículo 41). Isso é necessário se quisermos nutrir os novos convertidos. Pedro apresentou-a viva (v. 41).

Este evento mostrou a importância de um (a) discípulo (a) em uma comunidade como a maneira como Deus, por meio de seus servos (Pedro), atende seus discípulos e sua igreja.

1.2.4. Paulo e Silas – os discípulos são companheiros uns dos outros

Atos 16.25-34: Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam. De repente, houve um terremoto tão violento que os alicerces da prisão foram abalados. Imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos se soltaram. O carcereiro acordou e, vendo abertas as portas da prisão, desembainhou sua espada para se matar, porque pensava que os presos tivessem fugido. Mas Paulo gritou: "Não faça isso! Estamos todos aqui!" O carcereiro pediu luz, entrou correndo e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. Então os levou para fora e perguntou: Senhores, que devo fazer para ser salvo? Eles responderam: Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa. E pregaram a palavra de Deus, a ele e a todos os de sua casa. Naquela mesma hora da noite o carcereiro lavou as feridas deles; em seguida, ele e todos os seus foram batizados. Então os levou para a sua casa, serviu-lhes uma refeição e com todos os de sua casa alegrou-se muito por haver crido em Deus.

Silas é originário de Jerusalém, Silas era um judeu-cristão, um helenista. Sendo cidadão romano desempenhou importantes funções na igreja (At 16.37). É provável que seu nome seja a forma grega do aramaico She'ila, que por sua vez é o equivalente ao hebraico Shaul. Em algumas Epístolas Paulinas, Silas é mencionado pela forma latina de seu nome, Silvano (2Co 1.19; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1). O apóstolo Pedro também o mencionou assim em 1Pedro 5.12.

Depois do Concílio de Jerusalém no ano 49 d.C. juntamente com Judas, foi delegado para ir a Antioquia levar as decisões do Concílio (Atos 15.27-32). Em seguida se uniu ao trabalho de Paulo a partir da segunda viagem apostólica. Paulo escolheu Silas em substituição a Marcos para acompanhá-lo em suas viagens. Junto ao apóstolo Paulo percorreu a Síria, Ásia menor, Macedônia e Tessalônica. Paulo partindo para Atenas, deixa Silas em Beréia, continuando o seu ministério e mais tarde encontra-se novamente na cidade de Corinto. (At 16–18)

Silas foi um profeta da Igreja de Jerusalém, que com sua pregação da Palavra exortava, encorajava e fortalecia os fiéis. Assim como Silas, Paulo também tinha cidadania romana. Alguns comentaristas sugerem que isto possa ter contribuído de alguma forma para que Paulo o escolhesse como companheiro em sua viagem missionária. Após o Paulo ter se separado de Barnabé após sua primeira viagem missionária, o apóstolo escolheu Silas para acompanhá-lo em sua segunda viagem missionária, e auxiliá-lo na pregação do Evangelho (At 15.40). Além da questão da

cidadania romana já mencionada acima, alguns estudiosos também acreditam que o fato de Silas ter sido um membro da Igreja de Jerusalém pode ter representado algo bastante útil ao apóstolo. Alguns também sugerem que o papel inicialmente exercido por Silas ao lado de Paulo era semelhante ao que havia sido desempenhado por João Marcos, ou seja, sua posição parece ter sido subordinada ao apóstolo, diferente da parceria com Barnabé. Se essa sugestão estiver correta, então Silas pode ter servido como ministro auxiliar de Paulo, incumbido, principalmente, de questões literárias, responsável pelas Escrituras e documentos de instrução. Apesar disto, ele exerceu posição significativa de liderança na tarefa missionária.

O episódio mais conhecido entre os cristãos envolvendo Silas é a dramática prisão em Filipos, onde ele e Paulo foram açoitados e presos. Na ocasião também estavam presentes Lucas e Timóteo, porém estes não foram presos, pois Lucas era um gentio de Antioquia da Síria e Timóteo um meio-gentio de Listra. Assim, apenas Paulo e Silas, como judeus, foram acusados. Esse fato também parece apontar para certa liderança de Silas na equipe missionária, conforme foi citado no parágrafo anterior.

O relato bíblico acerca dessa prisão conta que Paulo e Silas foram agarrados e arrastados até a presença das autoridades. A multidão estava unida contra eles, e após as acusações, rasgaram-lhes as vestes e os açoitaram (At 16.22), apesar de que por serem cidadãos romanos esse tipo de tratamento era proibido.

Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam, e de repente ocorreu um terremoto que sacudiu os alicerces do cárcere de tal forma que se soltaram as cadeias de todos os prisioneiros (At 16.26). Esse evento resultou na conversão do carcereiro e sua família (At 16.31-34).

Silas acompanhou o apóstolo pela Síria, Ásia Menor, Macedônia e até em Tessalônica. É exatamente o capítulo 17 de Atos dos Apóstolos que narra a visita deles entre os tessalonicenses. Ainda no capítulo 17 (v. 10-15), sabemos que eles foram para Beréia, uma cidade cerca de 80 km a sudoeste de Tessalônica, aos pés

do Monte Olímpio. Dali Paulo partiu para Atenas, porém Silas e Timóteo permaneceram em Beréia.

Existe muita discussão entre os estudiosos com relação à cronologia dos eventos que aconteceram após Silas e Timóteo terem ficado em Beréia. Alguns acreditam que Timóteo e Silas reencontraram Paulo ainda em Atenas e dali partiram para desempenhar algumas funções até que finalmente reencontraram novamente apóstolo em Corinto, enquanto outros defendem que esse reencontro aconteceu apenas em Corinto (At 18.5).

Seja como for, o nome de Silas aparece nas epístolas que o apóstolo escreveu de Corinto (1Ts 1.1; 2Ts 1.1), além do apóstolo também tê-lo mencionado quando escreveu aos próprios coríntios (2Co 1.19). Após essas referências, Silas é mencionado novamente apenas na Primeira Epístola de Pedro. Nessa referência o apóstolo Pedro informa que escreveu tal epístola “por meio de Silvano”, ou literalmente “por Silvano” (1Pe 5.12). Essa informação parece sugerir alguma função literária, porém ela não é muito clara para determinar especificamente o papel exercido por Silas nessa carta. Ele pode ter sido apenas o portador da epístola, ou ter sido um secretário do apóstolo, escrevendo o que lhe era ditado, ou talvez pode até mesmo ter ajudado o apóstolo a rascunhar alguns trechos da carta.

A amplitude da vida e da obra de Silas, ou Silvano, nos leva a concluir que o trabalho de um discípulo chega a diversas áreas e, todas podem glorificar a Deus e cooperar com o trabalho de outros discípulos.

1.2.5. Paulo, Áquila e Priscila – mais companheirismo, agora com um casal¹¹

Atos 18.1-3: Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto. Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas.

¹¹ Extraído de <https://bible.org/node/24088>.

No ano 52 da nossa era, o imperador romano Cláudio publicou um decreto expulsando todos os judeus da cidade de Roma. De acordo com o historiador romano Suetônio, parece que eles estavam perseguindo seus vizinhos cristãos e causando grande perturbação na cidade. Cláudio pouco se importava com a razão dos problemas e, menos ainda, com quem estava a culpa. Ele sabia que eram judeus e isso era o suficiente; por isso, todos os judeus foram arrancados de suas casas e banidos de Roma, inocentes junto com culpados.

Foi quando um judeu chamado Áquila, que havia migrado da província do Ponto, no Mar Negro, para Roma, despediu-se de seus amigos e embarcou para a cidade de Corinto. Junto com ele foi sua fiel esposa, Priscila.

Em primeiro lugar, eles ganhavam a vida juntos. “Pois a profissão deles era fazer tendas” (Atos 18:3). Todo garoto judeu dos tempos do Novo Testamento aprendia algum tipo de ofício. Já que as tendas eram parte importante da vida hebraica, os pais de Áquila decidiram que seu filho deveria aprender esse meio prático de subsistência. Suas tendas eram feitas de tecido rústico de pele de cabra, o que exigia grande habilidade para cortá-las e costurá-las da forma correta. Áquila adquiriu essa habilidade e depois a ensinou à sua esposa, e ela alegremente o ajudava em seus negócios.

Nem todos os casais conseguem fazer como Áquila e Priscila. É preciso uma relação madura para trabalhar junto sob a pressão às vezes gerada por um emprego. Eram também bons amigos e mais dispostos a dar do que receber. Assim, quando chegaram a Corinto, eles foram juntos à praça para procurar lugar ao ar livre para alugar e montar seu negócio de fazer tendas. Este tempo coincidiu com a presença de Paulo ali.

A empatia entre eles foi instantânea e uma amizade profunda e duradoura nasceu naquele dia. Paulo veio a trabalhar com eles, e até mesmo a morar na casa deles, enquanto esteve em Corinto. Se antes eles não conheciam a Cristo, agora, com certeza, eles O conheciam, pois ninguém podia passar algum tempo na presença de Paulo sem ser impactado por seu amor entusiástico e contagiante pelo

Salvador. Áquila e Priscila viveram juntos, trabalharam juntos, suportaram o exílio juntos e vieram a conhecer e amar a Cristo juntos.

Desde o dia em que Áquila e Priscila conheceram o Salvador, eles cresceram juntos na Palavra. Sem dúvida, todos os sábados, eles iam com Paulo à sinagoga, quando ele discorria com judeus e gregos, persuadindo-os a crer na salvação em Cristo (At 18.4). Nem todos aceitaram o testemunho de Paulo. Alguns resistiram e blasfemaram. Por isso, ele deixou a sinagoga e passou ensinar na casa de Tício Justo, contígua à sinagoga. Até o principal da sinagoga veio a crer em Cristo. “E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (Atos 18.11). Durante dezoito meses eles tiveram um estudo intensivo da Bíblia com Paulo. Provavelmente a conversa entre eles continuava após isto. O trabalho diário era duro, mas nada os impedia de conseguir estudar com afinco a Palavra.

Os acontecimentos seguintes na narrativa de Atos mostram o quanto Áquila e Priscila aprenderam sobre a Palavra de Deus. Quando Paulo deixou Corinto e foi para Éfeso, eles o acompanharam e, quando ele embarcou para a sua igreja em Antioquia (Atos 18.18-22), eles ficaram em Éfeso. A mudança foi providencial, pois, enquanto Paulo estava fora, “chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloquente e poderoso nas Escrituras. Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João. Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga” (Atos 18.24-26).

Áquila e Priscila foram ouvi-lo e ficaram profundamente impressionados com sua sinceridade, seu amor por Deus, seu conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento e sua brilhante oratória. Ele poderia ser poderosamente usado no serviço de Jesus Cristo, mas sua mensagem era incompleta. Tudo o que ele conhecia além do Antigo Testamento era a mensagem de João Batista, a qual simplesmente aguardava a vinda do Messias. “Ouvindo-o, porém, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus” (At 18.26). Com amor e paciência, eles lhe expuseram detalhadamente a vida e o ministério de Jesus Cristo na terra, Sua morte sacrificial e substitutiva na cruz do

Calvário pelos pecados dos homens, Sua ressurreição vitoriosa da morte e Sua gloriosa ascensão aos céus, a descida do Espírito Santo no Pentecostes e a origem do Corpo de Cristo, bem como outras importantes doutrinas do Novo Testamento. Áquila e Priscila talvez não pregassem em público, mas eram diligentes estudiosos da Palavra e amavam estudá-la junto com outras pessoas. Eles se dispuseram a investir o tempo necessário para tomar aquele jovem sob seus cuidados e ministrar a ele as coisas concernentes a Cristo. Apolo tinha uma mente aguçada e de rápida compreensão. Ele absorveu a verdade de tudo quanto eles lhe ensinaram e tornou-a parte do seu ministério. E, em consequência desse encontro com Áquila e Priscila, ele se tornou um grande servo de Deus, ao qual, tempos depois, algumas pessoas de Corinto colocaram no mesmo nível de Pedro e Paulo (1Coríntios 1.12).

Áquila e Priscila também receberam a igreja em casa e viajaram com Paulo. Quando Paulo partiu de Antioquia na sua terceira viagem missionária, ele viajou por terra pela Ásia Menor, voltando a Éfeso, onde permaneceu cerca de três anos ensinando a Palavra de Deus (At 26.31). Durante esse período, ele escreveu sua primeira carta aos Coríntios e disse: “As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áquila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles” (1Co 16.19). Quando Áquila e Priscila ainda iniciavam seu negócio em Corinto, sua casa provavelmente não era grande o suficiente para receber todos os cristãos, por isso foi usada a casa de Tício Justo. No entanto, parece que depois Deus os abençoou materialmente e, em Éfeso, eles usaram seus próprios recursos para a glória de Deus. Sua casa foi um lugar de reunião da igreja de Éfeso. E essa não seria a última vez que sua casa serviria a esse propósito. Quando Paulo deixou Éfeso e foi para a Grécia, evidentemente eles acreditaram que Deus os estava levando de volta a Roma. Cláudio já estava morto, por isso, a mudança parecia segura e, com certeza, Roma carecia do testemunho do evangelho. Assim, eles partiram. Paulo escreveu a epístola aos Romanos da Grécia, durante a sua terceira viagem missionária, e disse: “Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios; saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles” (Romanos 16:3-5). Eles mal

chegaram a Roma e já havia reunião da igreja em sua casa. As igrejas do Novo Testamento não podiam se dar ao luxo de possuir terras e construir edifícios, e nem seria sensato fazê-lo, tendo em vista as constantes pressões e perseguições. Por isso, eles se reuniam nas casas. E a casa de Áquila e Priscila estava sempre aberta às pessoas que quisessem aprender mais sobre Cristo e aos cristãos que quisessem crescer na Palavra.

Embora hoje tenhamos igrejas, nada substitui as casas como centro de evangelismo e alimento espiritual na comunidade. Este exemplo através da Vida de Áquila e Priscila também é muito relevante quando falamos de discipulado. Alguns cristãos fazem refeições evangelísticas em que convidam amigos não crentes para ouvir um importante testemunho pessoal. Muitas mulheres dedicadas usam a mesa da cozinha para estreitar o relacionamento com suas vizinhas durante um cafezinho, compartilhando com elas o amor de Cristo. Estudos bíblicos nas casas podem ser uma boa ferramenta para ensinar os perdidos ou para o crescimento dos crentes na Palavra. As possibilidades de uso das casas para servir ao Senhor são infinitas.

Há ainda uma pequena informação na saudação da carta de Paulo aos Romanos 16.4 que não podemos deixar passar: “os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios”. Não sabemos a que Paulo está se referindo, nem quando isso aconteceu, mas em algum lugar, por alguma razão, Áquila e Priscila juntos arriscaram a própria vida para salvar a vida de Paulo.

Áquila e Priscila são mencionados mais uma vez no Novo Testamento, no último capítulo do último livro escrito pelo apóstolo Paulo. Já tinham se passado dezesseis anos desde que Paulo os encontrara pela primeira vez em Corinto e, agora, ele estava numa prisão em Roma pela segunda vez. Sua morte pelas mãos do imperador Nero era iminente e ele estava escrevendo o último parágrafo de uma vida longa e frutífera: “Saúda Prisca, e Áquila, e a casa de Onesíforo” (1Tm. 4.19). Paulo estava pensando em seus queridos amigos, os quais tinham voltado a Éfeso, onde Timóteo era ministro, provavelmente tendo deixado Roma para escapar do último rompante de Nero em perseguição aos cristãos. A saudação foi breve e

simples, usando a forma abreviada do nome Priscila que vemos em outras passagens. Mas, em suas últimas horas de vida, Paulo queria que eles se lembrassem dele.

No entanto, há uma interessante observação a ser feita sobre esse versículo. O nome de Priscila aparece antes do nome de Áquila. Na verdade, o nome dela aparece em primeiro lugar em quatro das seis referências bíblicas a eles. E isso é muito incomum! A maioria das referências sobre casais na Bíblia coloca o nome do homem em primeiro lugar. Qual seria a razão da mudança? Muitas explicações têm sido sugeridas, mas a mais razoável parece ser a de que Priscila era a mais talentosa dos dois e, muitas vezes, assumia o papel de maior destaque. Ainda assim, parece que isso nunca afetou o amor entre eles, nem sua compreensão mútua e a capacidade de trabalharem juntos.

1.2.6. Paulo e Timóteo – de discípulo a discipulador

2Timóteo 3.14-17: Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

2Timóteo 2.2: O que ouviste de mim diante de muitas testemunhas, transmite a homens fiéis e capacitados a fim de que possam igualmente discipular a outros (BKJA).

Timóteo nos é um bom exemplo de discipulado em vários sentidos, desde sua meninice, ou seja, em sua família, ele foi ensinado por sua vó e por sua mãe. Depois aprendeu e se desenvolveu com o próprio Apóstolo Paulo. Chama a atenção, também, o fato de que ele devia reconhecer homens a quem pudesse confiar o encargo de transmitir a sã doutrina.

Timóteo era um jovem pregador e missionário na igreja primitiva. Ele acompanhou o apóstolo Paulo em algumas de suas viagens e aprendeu muito com ele. Os livros de 1 e 2 Timóteo na Bíblia foram duas cartas de Paulo a Timóteo. Timóteo era filho de uma senhora judia convertida a Cristo, chamada Eunice, e um homem grego. Sua mãe e sua avó, chamada Lóide, eram exemplos de fé verdadeira

e desde sua infância ele aprendeu as Escrituras. Ainda jovem, Timóteo cria no evangelho e tinha boa reputação na região onde morava (2Tim 1.5; 3.15). O apóstolo Paulo conheceu Timóteo numa cidade chamada Listra e decidiu levá-lo em sua próxima viagem. Timóteo era meio judeu, mas não era circuncidado. Então, para evitar escândalo entre os judeus, Paulo circuncidou Timóteo (At 16.1-3). Timóteo se tornou um companheiro frequente de Paulo em suas viagens.

Timóteo visitou igrejas em vários lugares, ensinando, encorajando e trazendo notícias. Paulo confiava em Timóteo e o recomendava às igrejas, porque ele era fiel e responsável, apesar de ser jovem (1Co 16.10-11). Timóteo se tornou como um filho para Paulo. Timóteo enfrentou vários desafios em seu ministério. Ele tinha recebido o dom da liderança e do ensino, mas algumas pessoas o desprezavam porque era jovem. Ele também teve de confrontar pessoas em Éfeso que estavam ensinando falsas doutrinas. Ele ficou preso durante algum tempo, mas foi libertado. Paulo se preocupava com Timóteo, porque ficava doente frequentemente (Heb 13.23; 1Tim 5.23). A vida de Timóteo não foi fácil.

Com Timóteo aprendemos que um discípulo deve usar seus dons. Timóteo tinha recebido o dom da liderança; ele não esperou até ser mais velho mas procurou a ajuda de Paulo para usar esse dom de maneira correta. Além disto, Timóteo sempre respeitou seu mentor, Paulo, e ficou do seu lado nos momentos mais difíceis. Ele era de bom caráter e conquistou respeito através de sua vida íntegra e seu ensino correto e verdadeiro. Sua fidelidade é um destaque já que nunca se desviou do verdadeiro evangelho, mesmo quando enfrentou dificuldades.

1.2.7. Paulo e Tito

Tito¹² foi um cristão de origem grega que exerceu um papel de destaque nos primeiros anos da Igreja Cristã. Ele é mencionado no Novo Testamento, e é conhecido principalmente pela epístola escrita por Paulo que leva o seu nome. Tito foi um dos companheiros do apóstolo Paulo e um dos líderes mais importantes no início da Igreja Primitiva. Provavelmente ele também foi um filho na fé de Paulo,

¹² <https://estiloadoracao.com/quem-foi-tito-conheca-a-biografia-de-tito/>

convertido em uma de suas pregações (Tt 1.4). Se considerarmos todas as referências sobre Tito, iremos perceber que Paulo depositava muita confiança em seu ministério. No livro de Atos dos Apóstolos Tito não é citado. Porém, muito provavelmente nessa época ele já era um obreiro ativo na obra do Senhor. Tito é encontrado em referências nas epístolas de 2Coríntios, Gálatas, 2Timóteo e Tito.

Podemos perceber que Tito também era instruído como um discípulo muito querido pelo apóstolo Paulo. O apóstolo se refere a Tito como “*companheiro e cooperador*”. Um fato interessante é que em Gálatas 2.3 diz que ele acompanhou Paulo e Barnabé em uma visita a Jerusalém. O objetivo era discutir com os apóstolos e líderes da Igreja, a controvérsia sobre os gentios cristãos em relação à Lei Mosaica.

Paulo era completamente contra a ideia de que os cristãos gentios fossem obrigados a passar pela circuncisão e executar outros ritos judaicos. O caso de Tito, que era gentio (grego), foi um exemplo em relação a essa discussão. Então a liderança da Igreja se reuniu em um concílio e os argumentos expostos por Paulo foram considerados. Com isso, ficou claro que o evangelho deveria ser pregado livremente tanto aos judeus como aos gentios. Nesse caso, os regulamentos judaicos não deveriam ser impostos aos cristãos (At 15.13-19).

Tito é mencionado oito vezes na Epístola de 2 Coríntios. Ele esteve presente em um momento complicado daquela igreja. É provável que Tito visitou Corinto pelo menos três vezes, sendo que em duas delas ele supervisionou a arrecadação para ajudar os irmãos pobres de Jerusalém.

Quando Tito chegou a Corinto, a situação da igreja era muito difícil, principalmente pela imoralidade e pela discórdia que causava facções entre seus membros. Então ele foi enviado para aquela igreja portando uma carta de Paulo com recomendações e exortações a respeito dessas situações. O sucesso dessa missão foi muito satisfatório, deixando Paulo animado com os resultados obtidos. Juntamente com outro irmão em Cristo, foi Tito quem levou a segunda Epístola aos Coríntios (2Co 8.16-18). Paulo levou Tito para a Creta, deixando-o ali para que

completasse a sua obra. Ele deveria organizar a igreja naquela ilha e designar o presbitério (Tt 1.5). A posição eclesiástica de Tito em Creta foi parecida com a de Timóteo em Éfeso. Saiba também quem foi Timóteo na Bíblia.

Diferentemente de Timóteo que era uma pessoa mais branda, Tito provavelmente tinha uma personalidade mais forte e impunha grande liderança e firmeza em suas decisões. Com essas características, ele se encaixava bem na posição de trabalhar contra o paganismo dos habitantes da cidade de Creta e estabelecer a sã doutrina na comunidade cristã daquela cidade. Ele também foi o responsável por combater um possível início do gnosticismo ali.

Tito foi convocado a encontrar Paulo em Nicópolis após o envio de Ártemas ou Tíquico. Ele também foi designado a garantir que nada faltasse a Apolo, outro grande pregador do Evangelho da época (Tt 3:12,13). É possível que em Nicópolis Tito tenha sido incumbido para uma missão evangelística na Dalmácia, a qual estava realizando quando Paulo escreveu a Epístola de 2 Timóteo (2Tm 4.10). Acredita-se que ele tenha retornado para Creta, e permanecido ali como bispo da Igreja até uma idade avançada.

A relação de Tito com o apóstolo Paulo como discípulo se dá porque foi possivelmente convertido em uma das pregações de Paulo e este o tenha acompanhado por longo tempo trabalhando nele aspectos da sua liderança. Um discipulado que formou uma forte liderança. Ele era um obreiro de confiança de Paulo e foi um grande companheiro para ele. Tinha uma personalidade forte, habilidades de liderança e era firme e decidido. Alguns estudiosos acreditam na possibilidade de ele ter sido irmão de Lucas, mas não há evidências concretas disto. O apóstolo Paulo lhe escreveu uma carta com recomendações pastorais para auxiliá-lo em seu trabalho na cidade de Creta. Juntamente com as duas epístolas enviadas a Timóteo, essas obras são chamadas de Cartas Pastorais.

